

Aurísio Cajazeiras
Estudante

O canto da juventude que mora no peito do homem marcado por cicatrizes da opressão militar

De início, a voz falha. As cordas do violão desafinam. As letras fogem. O cenho de Aurísio Cajazeiras Gomes se encrespa no resgate de canções engavetadas na memória. O tempo o fez senhor de poucos pelos, mas a música ressuscita-lhe a alma juvenil de cabelos fartos. Surge, aos poucos, o Aurísio jovem, entoando homenagens que tece para reviver figuras pertencentes a uma outrora de escuridão.

A poeira do esquecimento se esvai da vista, os versos se insuflam de energia, e as palavras se tornam protestos pontiagudos. Os acordes impedem o domínio do mofo em realidades históricas que, se já não vivem mais, tampouco se permitem morrer. O timbre melancólico de hoje é filho do canto voraz e contestador de ontem. Um presente herdeiro dos espinhos de um passado impetuoso, em que rasgar a camuflagem da repressão militar era mais do que uma ideia, era um ideal. Era um fio de Ariadne que não deixava romper a esperança de vitória sobre minotauros biônicos, cuja missão de devorar Teseus subversivos ecoava em labirintos de tortura.

O espírito comunista de Aurísio é onipresente nos comentários que faz sobre o cotidiano. Alimentado pela influência dos irmãos mais velhos, o pensamento esquerdista vingou a partir do berço fértil que foi o Liceu do Ceará de 1965. A lembrança traz à tona a imagem de um colégio saturado de mentes irrequietas do movimento estudantil secundarista, como a do antigo companheiro Parangaba. Foi lá que uma centelha, na forma de jornal, acendeu em Aurísio a vontade de lutar contra as Forças Armadas. Desejo logo convertido em chama, que, posto ser infinita enquanto durasse, inflamou-o de febre política sem se arrefecer jamais.

As mãos calmas que dedilham o violão surpreendem ao rememorar o fato de que se dividiam entre ensaios musicais, treinamentos guerrilheiros e distribuição de

periódicos soviéticos. A guerrilha armada, para Aurísio, era a única solução capaz de dissolver uma ditadura fortalecida a cada parada militar de sete de setembro. Se a falta de armas impediu o envolvimento direto no combate, ficou a cargo da música o papel de ser a porta-voz da dissidência brotada numa mente de cajá e mel.

A camiseta, que usa todos os dias para ir às aulas, expõe o nome da paixão que nunca conseguiu esquecer: a Universidade Federal do Ceará (UFC). A mesma que o acolheu como calouro em 1968 e o inspirou para ter participação mais incisiva no combate estudantil. A mesma na qual viveu sob a mira linha-dura de professores e coordenadores pró-golpe. A mesma que, junto ao Decreto 477, apelidado de "AI nº 5 das universidades", exigiu-lhe a declaração de repúdio ao comunismo. A mesma que, contrariada, expulsou-o pouco antes da formatura.

Não mais estudante de bancada, mas de coração, decidiu rumar para São Paulo. Acabou engrossando a fila de nordestinos em busca de um emprego no Sul. A voz tentou se espriar até a televisão, porém foi barrada antes mesmo de chegar ao destino. A melodia não saiu incólume do silêncio que as fardas forçavam pousar sobre a boca de artistas. Ainda hoje, arrepios abalam a pele, quando ele lembra a única vez que sofreu tortura física e sentiu, à distância de um palmo do rosto, o cheiro fúnebre do rio Tietê à espera do corpo inerte.

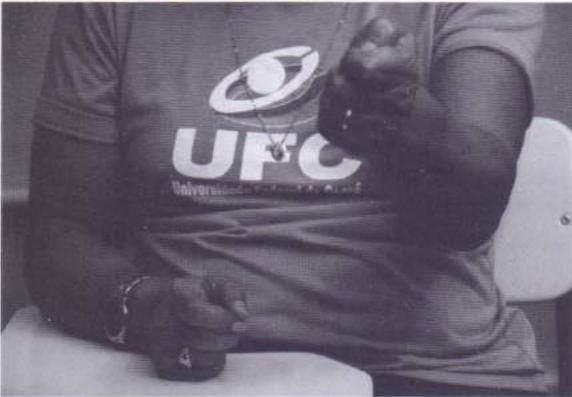
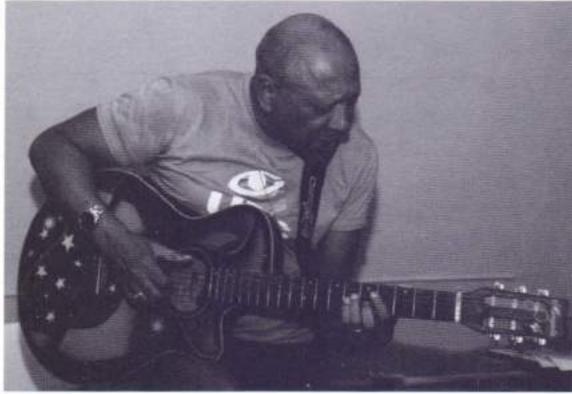
Décadas depois, o filho pródigo retornou ao calorento seio da mãe e terra-natal. Anistiado, pôde regressar também à universidade e ao sonho de infância de ser jornalista. A voz já acha o timbre. As cordas do violão vibram com força. As letras reencarnam com a mesma firmeza dos anos idos, e a face se desanuvia. Intitulando-se cabra da peste, vaqueiro da vida, Aurísio reitera, veemente, aquilo que sempre cantou: "Agora eu sou guerrilheiro, vagabundo, violeiro".

Equipe de Produção:
Larissa Sousa
Marcella Macena

Entrevistadores:
Alissa Carvalho
Beatriz Costa
Camila Mont'Alverne
Ed Borges
Larissa Sousa
Marcella Macena
Marcello Soares
Murilo Viana
Tháís Brito
Thamires Oliveira

Fotografia:
Diego Sombra

Texto de abertura:
Ed Borges



Entrevista com Aurísio Cajazeiras, dia 04 de janeiro de 2013.

Larissa – Aurísio, você nasceu em Quixeramobim, cresceu em Banabuiú e, pouco tempo depois do golpe (1964), veio morar em Fortaleza. Teve alguma relação o golpe com a sua mudança para a capital? (*Quixeramobim e Banabuiú são municípios do interior cearense*)

Aurísio – Teve. Essa questão da relação com o golpe é porque eu tenho dois irmãos que eles eram da Marinha do Brasil. Um era primeira classe, o outro era cabo, o mais velho. Eles eram da Associação dos Marinheiros, a famosa associação que foi liderada pelo cabo Anselmo, que depois traiu o pessoal. Depois eles foram perseguidos para matar, porque na Marinha, pouca gente sabe, mas por consequência do golpe, muita gente à noite foi fuzilada. Muita gente morreu. E eles fugiram, conseguiram escapar. Já estavam presos dentro do navio, conseguiram pular na água e fugiram de noite. Ficou todo mundo de olho no golpe, lá (*no interior*) todo mundo sabia que a gente tinha um pensamento de esquerda, e um vereador denunciou os meus irmãos. Eles tiveram de fugir. Como eles fugiram e nós também ficamos queimados dentro da cidade... Eu já tinha 16, 17 anos. Eu chegava em um baile, o baile acabava. O pessoal tinha muito medo do comunismo. Eles diziam que comunistas comiam criancinhas. Meu pai resolveu vir para Fortaleza, ele era do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), ele conseguiu a transferência aqui para Fortaleza. Nós viemos embora para Fortaleza no finalzinho de 64. Outubro ou novembro mais ou menos. Foi assim. (*Cabo Anselmo a que Aurísio se refere é José Anselmo dos Santos, que liderou o protesto dos marinheiros, em 1964, desencadeando a crise que culminou no golpe de 1964*)

Marcella – Como se deu essa influência dos teus irmãos na construção dos teus ideais socialistas?

Aurísio – Na década de 60, com a implantação da Revolução Cubana na América Latina inteira, não existia a terceira via. Ou você era de direita ou você era de esquerda. Não tinha aquele negócio do cara ficar em cima do muro. Então a esquerda estava muito forte na América Latina. Por isso que o americano dizia na política externa americana que eles não admitiriam uma segunda Cuba. Porque eles achavam o seguinte: se a Revolução Socialista vencesse em um país como a Argentina ou Brasil era o fim. Entendeu? Para o americano

isso aqui estava liquidado. Eles não poderiam mais colocar indústria, vender os seus bens. A maioria das empresas aqui é de capital americano. Hoje o americano tem empresa em todas as partes do mundo. Então essa é a principal questão.

Marcella – (*interrompendo*)... Mas a influência dos teus irmãos mesmo?

Aurísio – Eles já eram comunistas e passavam para mim literatura marxista, aquelas coisas da esquerda. Primeiro de saber quem foi o maior partido comunista brasileiro, quem foi Luis Carlos Prestes (1898 – 1990), começar a ler os jornais panfletários. Eu lia o jornal Voz Operária. O meu irmão era do partido comunista, até hoje ele é filiado ao PCdoB (*Partido Comunista do Brasil*), mas na época ele era do partidão (*Partido Comunista Brasileiro – PCB*), era assim chamado o partido comunista. E eu recebia o jornal e comecei a ler muito cedo, eu sempre fui um cara que gostei muito de ler e comecei muito cedo a ler as coisas do marxismo. Aquelas coisas da Revolução Cubana... Era a paixão da juventude! A Revolução Cubana (1959), do ponto de vista da publicidade, era uma coisa linda! As fotos do Fidel (*Castro*) e do (*Che*) Guevara, o verde-oliva. Aquela publicidade, aquela coisa. As canções cubanas revolucionárias também. Foi assim que eu fui me aprofundando e fui achando que era o correto aquele pensamento, embora depois passaram a divergir uma série de coisas, como por exemplo a maneira de se introduzir o socialismo na União Soviética, as questões dos bens de consumo, dos maus tratos ao operário. Eu achava que o operário deveria ter do bom e do melhor. Passei a ser uma pessoa rebelde dentro da própria esquerda.

Camila – Quando você veio morar em Fortaleza, já foi estudar em um colégio tradicional, que tinha as grandes elites da cidade, que era o Liceu do Ceará. O que significou para você ter contato com essas pessoas e estar naquela escola?

Aurísio – Olha foi muito importante. Dentro do Liceu eu conheci um dos maiores líderes estudantis daqui, que foi o Parangaba (*Carlos Augusto Lima Paz*), o cara que me influenciou mesmo dentro do Liceu. E o Liceu era um colégio de classe média. Primeiro que você tinha de fazer um teste para entrar lá. Você terminava o ginásio, para entrar no colegial do Liceu, você tinha de se submeter a uma prova para

Aurísio Gomes Cajazeiras nasceu em 22 de maio de 1946 em Quixeramobim, no Ceará. Filho de operário José Gomes dos Santos e da costureira Maria Cajazeiras Gomes, cresceu na cidade de Banabuiú com os seis irmãos.

Marcella indicou Aurísio para ser entrevistado depois de ouvir algumas histórias da vida dele como militante da esquerda durante a ditadura militar. Esse momento ocorreu durante uma conversa com os alunos da disciplina de Jornalismo no Terceiro Setor, ministrada pela professora Márcia Vidal.

Entre os escolhidos para esta edição da Revista Entrevista, Aurísio foi o que recebeu a maior quantidade de votos. A maioria dos alunos do Laboratório de Jornalismo impresso já o conhecia de vista no curso ou sabia algo da história dele.

fazer o colegial lá. Era muito cobiçado o colégio. E realmente o colégio era muito bom, tanto é que eu saí do Liceu, porque fiz vestibular. Naquela época não tinha cursinho. Eu fiz vestibular e passei da primeira vez. Por sinal com uma média muito boa, tanto que eu podia inclusive fazer até Geologia ou Arquitetura se eu quisesse fazer. Eu ainda fui para Geologia, mas como lá tudo era em francês, e eu não sabia francês, eu optei pelo Jornalismo, que era uma paixão antiga minha, sem dúvida, por causa dos ideais.

Thais – E lá no Liceu como era que você percebia esse ambiente, essa efervescência logo após o golpe, que foi quando você chegou?

Aurísio – Na realidade, o Liceu do Ceará era como a UNE (*União Nacional dos Estudantes*). O Liceu era uma referência. Por exemplo, naquela época, a UNE era mais respeitada do que os partidos políticos, a UNE era uma vanguarda popular. Quando havia uma greve a gente ia para a rua brigar com o povo. Entendeu? Quebrava ônibus se fosse o caso e resistia ousadamente. Então o povo respeitava a UNE, essa questão do movimento estudantil. E o Liceu por quê? Porque havia uma politização muito grande dentro Liceu. As lideranças secundaristas eram mais radicais do que o pessoal da universidade. Tanto é que a defesa do movimento armado aqui no Ceará foi definida por mim, um líder secundarista. Por exemplo, o (José) Genoino Neto (*cearense, várias vezes deputado federal por São Paulo, ex-presidente do partido dos trabalhadores – PT*), que depois acabou indo para o Araguaia, ele foi voto vencido depois. Tanto é que foi para o lado errado, foi uma grande aventura que o PCdoB fez, o nosso grupo discordou profundamente. Você não pode enfrentar o Exército brasileiro armado de pistola. Eu tinha servido o Exército brasileiro. Por isso que nos divergimos de ir para lá. (*Guerrilha do Araguaia, movimento guerrilheiro na região amazônica, entre os fins de 1960 e metade dos anos 1970, visando à luta contra a ditadura de 1964 – 1985 e à Re-*

“A Revolução Cubana, do ponto de vista da publicidade, era uma coisa linda. As fotos do Fidel e do Guevara, o verde-oliva”

Na definição do fotógrafo da entrevista escolheu-se Diego Sombra, também aluno do curso no 5º semestre. O conhecimento da qualidade dos trabalhos de Diego foi decisivo na escolha.

volução Socialista no Brasil)

Marcella – A partir da tua experiência no Exército, como era o ambiente lá nessa época da ditadura?

Aurísio – Dentro do Exército, eu só tive alguns problemas quando a gente tirava serviço, porque as torturas aconteciam à noite. E, quando a gente tirava serviço, a gente era obrigado a pernoitar no quartel. Quantas vezes eu estava aqui tirando plantão e ouvia os gritos, os berros: “Ai, ai, ai! Pelo amor de Deus! Faça isso não! Pare!”. Tanto voz de homem quanto voz de mulher, isso é um negócio horrível, torturante! Até hoje eu sofro. Torturar o ser humano é um negócio complicado. Forçavam o cara a dizer muita coisa, às vezes o cara nem sabe.

Larissa – A sua opção pela luta armada foi influenciada pelo seu conhecimento adquirido no Exército durante esse período?

Aurísio – Em tese, porque quando eu fui para o Exército eu já tinha um pensamento esquerdista. E dentro do Exército eu resolvi aprender tudo. Vou aprender tudo, porque se eu resolver ir para a guerrilha... Para vocês terem uma ideia, eu aprendi a desmontar até uma granada. Hoje a granada é digital, mas naquela época você tinha de saber manusear uma granada. Porque a granada tem dez segundos para explodir. Quando você descarta o pino dela, você tem de ir contando mentalmente 10 segundos, até com nove segundos você pode se salvar. Mas você tem de saber fazer o manuseio da granada. E eu aprendi tudo lá, aprendi a atirar de metralhadora, de fuzil, de pistola, de revólver, de (*pistola*) 45, que, por incrível que pareça, é o tiro mais complicado. Muita gente que vai atirar de 45, ele atira assim (*mostra com as mãos a posição certa*), porque o sopapo que ela dá na mão... Pode dar um tiro aqui e a bala ir para lá (*como se atirasse para um lado e a bala fosse para outro*). A bala faz um zigue-zague, porque ela é uma arma muito poderosa, apesar de ela ser pequena, tem quase o poder de uma metralhadora.

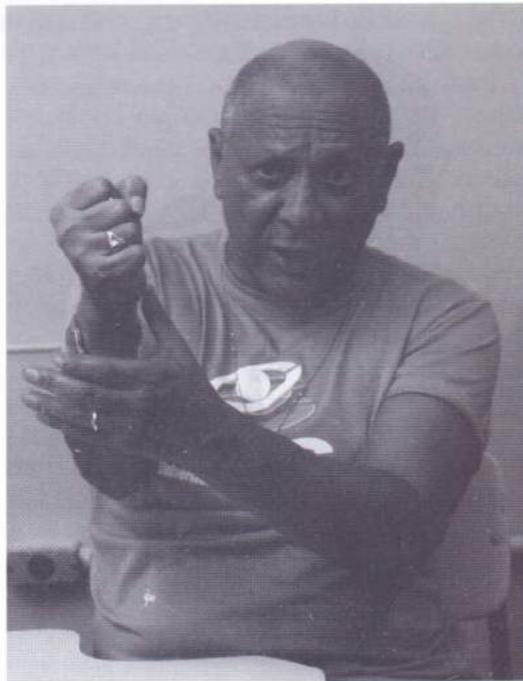
Marcello – Aurísio, você disse que já era de esquerda quando chegou no Exército. Isso atrapalhou de alguma forma lá?

Aurísio – Atrapalhou, porque eu cheguei a ser preso lá dentro do Exército por indisciplina. Nós formamos um grupo lá dentro. Naquela época, estava surgindo a Bossa Nova e tinha um menino lá dentro que tocava percussão, o outro tocava violão muito bem, era o Wilson Gomes, que foi meu parceiro. Inclusive ele chegou a ser músico de Elis Regina (1945 – 1982), para você ver como o cara era fera mesmo. E lá dentro do quartel existia uma série de coisa absurda. Uma vez nos saímos para fazer um treinamento de guerrilha dentro do (*Rio*

Cocó. A gente atravessava aquelas lamas. Era mês de outubro. Estava um calor danado e a gente era obrigado a atravessar aquela lama carregando fuzil e, às vezes, a gente topava cobra, topava caranguejo. E, quando a gente chegava ao quartel, chegava com muita fome. Às vezes eles iam fazer lanche para a gente. O Exército recebia um leite em pó americano, eram umas caixonas de leite. E nesses leites, eu não sei se eram os ratos que furavam as caixas por baixo de papelão, entrava barata. Um dia nós chegamos para tomar esse café e, quando demos fé, o rancheiro lá tirando as conchonas cheias de barata no leite e jogando lá. Eu disse: "Nós vamos beber esse café com barata, rapaz?". Eu subi em um banco que tinha lá e fiz um discurso lá dentro. Daqui a pouco chegaram quatro soldados e me prenderam. Levaram presos eu e o Wilson, que é esse meu colega. E esse meu outro colega já *tava* preso por indisciplina também, o outro que tocava percussão. Levaram nós três para lá. Nós passamos uma semana em uma solitária. Eu me lembro que a minha irmã mais nova foi até levar um bolo para mim e não pôde, porque eu estava em uma solitária, preso. E, quando nós entramos em outro quarto lá, numa sala, o tenente estava com um chicotezão, batendo assim nas pernas, em um banquinho igual esse aqui e ele fazendo ameaça para a gente, dizendo que comunista merecia chibatada. Os outros meninos não sabiam negócio de esquerda não. Eu já sabia das coisas todinhas, sabia o que era tortura e tal. Sabia o que havia na Nicarágua, nas ditaduras da América do Sul. A gente recebia os informes de Cuba.

Alissa – Aurísio, você disse que defendeu a luta armada. Qual foi efetivamente a sua participação nessa luta armada e na guerrilha aqui em Fortaleza?

Aurísio – Na realidade, isso foi só uma defesa, porque na realidade não aconteceu nada. Por exemplo, no nosso grupo, nós tínhamos um cara que também era militar. O Edson Brasil fazia Jornalismo. Só quem defendia a luta armada dentro do curso era o Edson Brasil, a Maria Quintela e eu. Nos três éramos muito radicais. E o Edson Brasil foi da Associação dos Marinheiros, ele veio fugido também do Rio para cá. Ele era colega dos meus irmãos. Meu e dos meus irmãos. E ele foi escondido aqui no meio da nossa família, a gente que escondeu ele aqui. Ele conheceu uma menina aqui e se casou com essa menina. A mulher gostava muito dele e tudo. Comecei a estudar com ele e passamos nós dois juntos. E ele era militar, um cara fantástico! Acho que já está aposentado ele. Ele tem a minha idade, mais ou menos, não, ele é mais velho, porque já era militar na época. Na época do golpe, ele já



era da Marinha, ele já deve ter seus 70 anos. Mas ele é um cara fantástico, inclusive ele já foi acusado aqui de que era da turma do cabo Anselmo, mas nunca foi verdade isso não. Um cara muito conceituado. E ele só deu conselho: "Pessoal, nós não temos condições de ir para a guerrilha armados só de pistola. O que a gente deve fazer é... Eu tenho uns contatos para a gente ir para Cuba. Vamos tirar uns passaportes falsos e a gente vai para a Cuba, treina e vem armado. Que é o que está acontecendo agora na América Latina, a turma está indo para a Nicarágua, outra turma está indo para a Bolívia, outra turma está indo para o Panamá, uma série de países". Naquela época a América Latina inteira tinha guerrilha.

Camila – E vocês foram para Cuba?

Aurísio – Não, nós não fomos porque nós fomos minoria. A turma do Araguaia foi quem venceu, liderada pelo Genoino. José Dirceu (*ex-deputado federal e ex-ministro da Casa Civil do governo Lula – 2003/2005, quando foi cassado*) chegou a vir aqui umas duas vezes organizar... Eu participei de reuniões em que o José Dirceu estava, porque ele era um cara que tinha dinheiro para financiar a guerrilha. O Genoino não era filiado ao PCdoB, mas ele foi um cara que, pela força da liderança que ele tinha aqui no Diretório Central dos Estudantes (DCE), quando ele foi presidente do DCE, ele foi candidato para presidente da UNE quando o AI-5 colocou tudo na ilegalidade. Então o Genoino expressivamente foi o maior líder estudantil aqui do Estado do Ceará. É uma expressão nacional praticamente, nordestina e nacional. O que aconteceu? A turma do Genoino foi a favor de ir para o Araguaia e a nossa turma de ir para Cuba. Eu era filiado na época ao Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), mas você sabe o que quer dizer

Durante a pré-entrevista, realizada com Aurísio, ele constantemente cantava músicas que compôs durante a juventude, como "Se Arrebenta", "Meu Brasil, meu grande amor" e "Camuflagem".

A todo o momento, a produção se questionava sobre o material de leitura e o direcionamento da entrevista, sempre preocupada em manter o padrão de qualidade da Revista Entrevista. Nas conversas de bastidores, o assunto sempre era o dia da festa de lançamento.

No primeiro contato pelo telefone com Aurísio, ele logo topou conceder a entrevista. Entretanto, essa só poderia ser realizada às terças e sextas devido a um tratamento de saúde que fazia nos outros dias da semana.

MR-8? Por causa da morte do Che Guevara, 8 de outubro. Então o que aconteceu? O MR-8 era atrelado ao Movimento Democrático Brasileiro (*MDB, partido de oposição ao regime ditatorial, atual PMDB*). O registro dele estava nas fichas do MDB que virou PMDB. A gente passou a ser mal visto. "Pô, vocês são do MDB, rapaz! Vocês não têm moral para nada"... Quando já *tava* iniciando a questão da guerra ideológica. O que destruiu na realidade a esquerda internacional como um todo não foram os americanos não, nós nos destruímos por si sós, porque passamos a brigar internamente por uma série de questões de ideias. Não havia um consenso das ideias. Existiam as questões das correntes: a linha cubana, a linha de Moscou, a linha chinesa, a linha do Vietnã, a linha albanesa, o pessoal do Guevara que era o meu caso, eu era a favor da luta armada. A coisa afunilou para isso. Foi isso que aconteceu. Ninguém foi para Cuba, uma turma foi para o Araguaia, aconteceu aquele desastre e tudo. E eu estou vivo aqui porque... Se eu fosse do PCdoB eu não estava aqui com vocês. Eu tinha ido.

Beatriz – Aurísio, então por que você se filiou ao MR-8?

Aurísio – Porque eu era um cara que idolatrava o Che. Eu era um cara apaixonado, naquela época, toda a juventude era apaixonada pelo Guevara. A própria imagem do Guevara, aquela semelhança com um cristo revolucionário, uma coisa verdadeira, uma coisa muito pura, e a gente sabia de uma série de coisa do Guevara que a gente... Ele chegava à fila do banco, ficava na fila para ser atendido. Chegou à Organização das Nações Unidas (*ONU*), tirou o sapato e disse: "Os Estados Unidos fedem mais que o meu chulé". Então a juventude idolatrava. É um dos homens mais respeitados do mundo ideologicamente.

Murilo – No MR-8, você chegou a aprender técnicas de guerrilha mesmo?

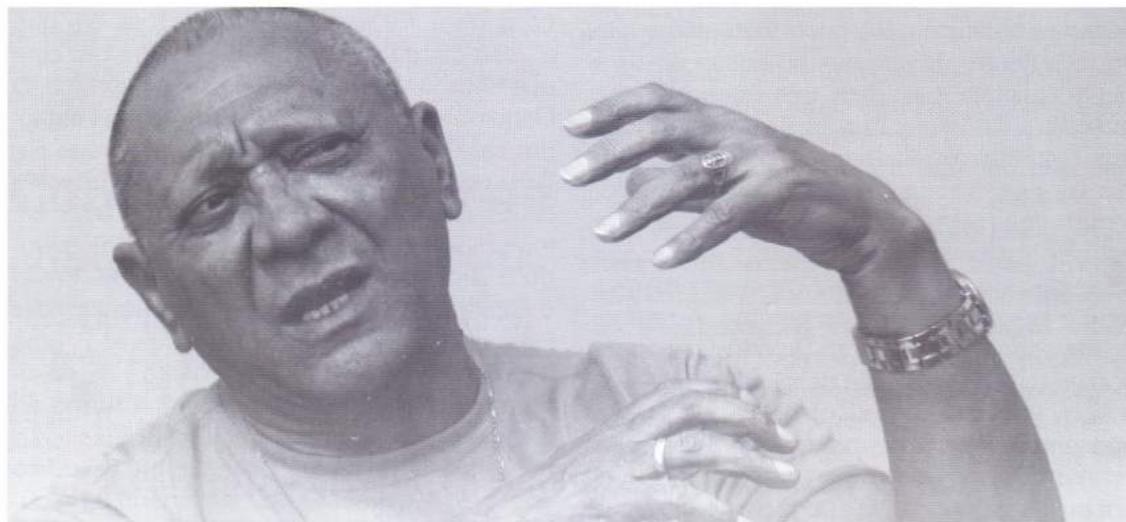
Aurísio – Cheguei. Eu treinei. Eu tinha o

livro *Guerras e Guerrilhas*, do Guevara. E eu inclusive fui um cara que ensinei muita gente a atirar. O próprio Bergson Gurjão, que eu até fiz uma música para ele, foi um cara que eu ensinei a atirar. Eu ensinava ele a atirar e ele me ensinava a fazer os coquetéis (*Molotov*). Eu fazia *Jornalismo* e ele fazia *Química*. Ele era um cara grandão. Inclusive ele foi jogador de basquete também. Era um cara de classe média alta, era um cara muito fantástico, lia muito, mas ele queria realmente a questão da guerrilha imediata, a guerrilha urbana. É tanto que ele foi para o lugar errado, ele foi o primeiro cara que morreu no Araguaia. Tombou assim que chegou lá. Viu um comando do Exército, foi lá, partiu para cima dos caras que meteram bala nele. Foi o primeiro cara que morreu no Araguaia.

Larissa – Como era o ambiente, o clima aqui dentro da universidade no período da ditadura? A sua relação com os amigos, com os professores...

Aurísio – O clima estudantil vai ser e será sempre um clima de harmonia, mas uma coisa diferente. Tanto é que, quando a gente está no ginásio, é uma coisa, quando vai para o colegial é outra, quando vai para a universidade é outra. Às vezes tem professor que diz: "Rapaz, tu ainda não se libertou do colégio? Tu estás é na universidade". Naquela época, a universidade era... O estudante estava predestinado a derrubar a ditadura. Nós não tínhamos acordo com a ditadura. Não havia diálogo mais com a ditadura. O que a gente queria? A gente queria a renúncia dos militares, mas os militares não iam renunciar, rapaz! A gente queria que eles convocassem eleições, e eles disseram que não iam convocar. Até eles derrubaram Castello Branco (*1º presidente do regime ditatorial – 1964 – 1966*) por causa disso. Castello Branco queria eleição, e eles não concordaram. A linha dura do Costa e Silva (*sucessor de Castello, 1967 – 1969*) não concordou com a eleição. E foi por isso que baixaram o Ato

Tamanha é a paixão de Aurísio pelo *Jornalismo* que ele frequentemente usa uma blusa de cor azul claro com o nome do curso nas costas. Essa é uma das suas marcas na faculdade, além, é claro, do violão.



Institucional nº5 (13/12/1968). Tem até um fato interessante: o Gonzagão (*Luis Gonzaga, o Rei do Baião*), quando estourou a revolução, apoiou a revolução, por causa da igreja lá de Juazeiro (*do Norte, interior cearense*). O Gonzaguinha, filho dele... Eu cheguei a fazer várias aberturas de show com o Gonzaguinha, em São Paulo e também na Universidade Federal do Rio de Janeiro (*UFRJ*), no Rio de Janeiro. O Gonzaguinha já era procurado pelo Exército, pela polícia. Ele era um esquerdista, um militante. Eles eram intrigados, o Gonzagão e o Gonzaguinha não se falavam. Quando foi dia 13 de dezembro de 68, a ditadura baixa o AI-5, o Gonzagão soube dos negócios tudinho e disse: "Rapaz, esses caras fizeram isso logo no dia do meu aniversário? Eu não quero mais saber desses caras mais não, eu vou é telefonar para o Gonzaguinha e dizer que ele está certo, quem está certo é ele". Ligou para o Gonzaguinha, foi quando eles fizeram aquela música: Minha vida é andar por esse país... Eles fizeram as pazes com essa música. É uma coisa que pouca gente sabe disso, mas é verdade essa história.

Alissa – Aurísio, a gente sabe que alguns professores eram vistos como "dedos-duros" mesmo do movimento estudantil. Como era essa relação tão conturbada?

Aurísio – Primeiro eu quero dizer que tudo que eu estou dizendo a vocês aqui é da mais funda verdade. Eu sou um cara que sou aposentado com um salário mínimo, entendeu? Sou um cara que eu não tenho visão de pretensão de querer ter dinheiro. Eu sou um cara muito simples, uma pessoa simples. Eu não viria aqui para vocês para inventar as coisas. Então o que aconteceu na realidade foi o seguinte: só existiam aqui dentro uns dois ou três professores que eram do Comando de Caça aos Comunistas (CCC), mas eram professores recrutados pela ditadura, pelo Governo Federal. Quem não era, ficava ali a redil. E tinha o coordenador que também era do CCC. Então existia uma cúpula aqui que vivia só monitorando a gente. Eu recebia a revista *Tempos Novos*, de Moscou, que era uma revista em português, recebia o jornal *Gramma*, do Partido Comunista Cubano em português e recebia o jornal *Voz Operária*, do Partido Comunista. E nós fazíamos um jornal aqui também. Um jornal chamado *A Centelha* que a gente fazia lá no Liceu, que eram os secundaristas que faziam o jornal. Era no mimeógrafo. Uns artigos, umas coisas, uns negócios.

Marcello – Teve algum caso concreto de desconforto entre você e algum professor na sala de aula ou no ambiente externo da universidade? Poderia citar?

Aurísio – Teve, várias vezes. Eu não gostaria de dizer o nome dessas pessoas, até mes-

mo porque eu acho a classe dos professores tão injustiçada neste País... Não por esses caras terem me perseguido, sabe? Eu acho que não é correto (*citar nome*). O professor chegava na classe para dar aula, eu entrava na classe com uma sacola cheia de livro e o professor dizia assim: "Pessoal, eu só vou dar aula quando o senhor Aurísio Cajazeiras se ausentar". Os impasses começaram assim. Inclusive, tinha um professor que foi um dos grandes radialistas aqui de Fortaleza, que ele não perseguia só aluno não, ele perseguia outros companheiros, como Xyco Théophilo (*jornalista e publicitário*). Théophilo já me disse: "Rapaz, eu fui muito perseguido por fulano de tal". Eu disse: "Rapaz, eu não sabia que te perseguiram também não, porque você era um cara mais moderado". Ele: "Não, mas é porque eles diziam que a gente escondia vocês, que a gente passava as notícias para vocês". Quantas vezes eu ia chegar na faculdade tinha um cara lá no meio do quarteirão correndo e dizia: "Rapaz, não vai para lá não que a turma está lá para te pegar". Isso aconteceu várias vezes de eu ter me esconder.

Beatriz – Como você participou da difusão dos ideais socialistas, comunistas aqui no ambiente acadêmico?

Aurísio – Aquilo que eu falei, eu recebia esses jornais. Qual era a minha função? A minha função era distribuir nos diretórios.

Camila – (*interrompendo*)... Por que você era o encarregado de receber esses jornais?

Aurísio – Como eu era filiado ao MR-8, o pessoal do MDB recebia esse material e morria de medo. A turma sabia: "Rapaz, dá para o Cajazeiras que ele é um cara que está na faculdade e tem coragem de distribuir". A turma recebia o material e tinha medo de distribuir, e eu não tinha. A turma me dava o material e eu ia nos diretórios tudinho. Eu ia lá na faculdade de Medicina, ia na Engenharia, ia na Odontologia que era aqui na Praça José de Alencar, vizinho ao Theatro José de Alencar, aqui no pessoal da História. A turma sabia que eu fazia

"Você não pode enfrentar o Exército brasileiro armado de pistola. Eu tinha servido o Exército em 65 e sabia do poderio militar do Exército brasileiro"

Hayanne Neves estudou com Aurísio na turma de Jornalismo de 2009.1 e contou em entrevista que Aurísio sempre dá um jeitinho de compor músicas homenageando os colegas de classe e os professores.

Além disso, Hayanne ainda relatou para a produção que Aurísio costumava contar muitas histórias sobre a vida dele. Dentre elas, estão algumas sobre o dia em que ele deixou o comunismo e de sua primeira viagem ao Rio de Janeiro após passar no vestibular.

Apesar do fácil acesso ao convidado, a produção teve dificuldades em marcar entrevistas com pessoas ligadas à vida de Aurísio devido à proximidade do final de ano. Muitas pessoas estavam de recesso. Rosa da Fonseca falou com a produção um dia após o Natal.

isso. Chegou no bico do coordenador e de alguns professores. Quando eu chegava lá, havia esse confronto achando que o perigo era comigo. A turma começou a me perseguir, do Comando de Caça aos Comunistas. Mas muitos outros também foram perseguidos aqui dentro.

Beatriz – Além da distribuição dessas revistas, você participou de algum ato?

Aurísio – Baseado nisso aí, a gente convocava muita reunião para debater. Como essa revista não poderia ser distribuída, sabe o que a gente fazia? A gente tirava os principais artigos, xerocava e ia distribuir nos ônibus. Quantos discursos eu fiz dentro dos ônibus aqui em Fortaleza? Eu ia dentro do ônibus, pedia um minuto de atenção do pessoal, fazia o discurso e distribuía os panfletos. O pessoal aplaudia assim (*palmas*). Agora era um ato de coragem, porque de repente podia ter um policial dentro do ônibus e você ser preso. Era bastante complicado.

Thamires – Aurísio, quando você estava na UFC, você se recusou a assinar um termo para

a Globo ia dizer? Que os militares torturavam e matavam? Assis Chateaubriand (*Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, empresário do grupo de Emissoras e Rádios Associados, a maior cadeia de Tv, rádio e jornais do país na época*) ia dizer que os militares torturavam e matavam as pessoas? Ao contrário, eles estão dizendo hoje que a ditadura era branda.

Larissa – Quando você estava na faculdade, chegou a se apresentar no programa do Paulo Limaverde (*jornalista e radialista*) na extinta Tv Ceará. Essa sua música era uma forma de representar a sua arte ou também era uma arma contra a ditadura?

Aurísio – Era contra a ditadura também. Eu e o Wilson, nós fizemos uma Bossa Nova e se queimaram com a gente só porque a gente mostrava um pouquinho... Eu falei que estava sem emprego. A música era chamada Homenagem: “Canto minha homenagem para ela,/ mas não vou a casa dela,/ nem a vejo no jardim,/ porque tenho uma vida vazia,/ sem emprego e todo dia/ eu espero o meu fim”

“A diferença de hoje para aquele tempo é que o estudante ele não é mais politizado, mas ele é mais bem informado por causa da tecnologia, os meios de informações”

se dizer anticomunista. Você acha que foi por isso que você foi expulso?

Aurísio – Não, eu acho que principalmente foi por causa do negócio da panfletagem. A perseguição mesma, dura, começou comigo por causa da panfletagem. Os militares morriam de medo da esquerda. Eles tinham medo da esquerda tomar o poder, porque só quem tinha ideal para convencer a população era a esquerda. Qual é o ideal que tem a direita?

Marcello – Você foi expulso da universidade com base no decreto 477. Não é isso?

Aurísio – Foi não. O 477 foi quando eu me recusei a assinar a questão da matrícula em 1971. Eu fui expulso da universidade por causa do AI-5, que foi baixado em 13 de dezembro de 1968. A gente estudava, mas a gente era praticamente clandestino, porque nenhum estudante tinha garantia nenhuma nem de receber o diploma, porque o AI-5 podia cassar, a qualquer momento, qualquer estudante. Era um poder muito forte o que o Ato Institucional nº5 tinha de cassar a cidadania, e não era só a nossa não. Eles fecharam o Congresso, rapaz! Os militares não gostavam de estudante, porque eram os estudantes que diziam as bobagens que eles faziam, as coisas ruins que eles faziam. O que a imprensa ia dizer? O que

(cantando). O comando da 10ª região (*militar*) estava assistindo ao programa, porque só tinha o canal 2 aqui. Mandaram o pessoal lá, dois civis fichar a gente. Quando nós terminamos o programa, eles deram parabéns para a gente dizendo que eram da imprensa, nós fomos na onda. Eles pegaram o nosso endereço, só que os caras eram dois agentes da Polícia Federal. Ficharam a gente, só por causa dessa música. A coisa foi embora até chegar na música Camuflagem, que eu falei de guerrilha. Quando eu cheguei em casa, nos levaram presos para Recife.

Murilo – E o que aconteceu na prisão?

Aurísio – Eles me levaram só com a roupa do corpo, não tive direito de levar nenhuma sacola com nada, nem escova de dente eu pude levar. Eles me pegaram, quando a minha irmã foi se despedir de mim botou um papelzinho na minha mão com o endereço de uma pessoa lá de Recife. Foi o que me salvou. Chegaram lá e me soltaram na rodoviária. E dois agentes foram me ameaçando no caminho, pagaram tudo no caminho para mim café, almoço e janta. E disseram: “Olha teu pai e tua mãe podem amanhecer boiando com a boca cheia de formiga. Tua irmã pode amanhecer boiando no Lagamar (*bairro pobre em Fortale-*

As reuniões da equipe de produção para elaborar a pauta e outros trabalhos relacionados com a entrevista de Aurísio ocorreram na casa de Larissa. Inclusive, a mãe da estudante chegou a convidar Marcello para comemorar as festas do final do ano na casa da família.

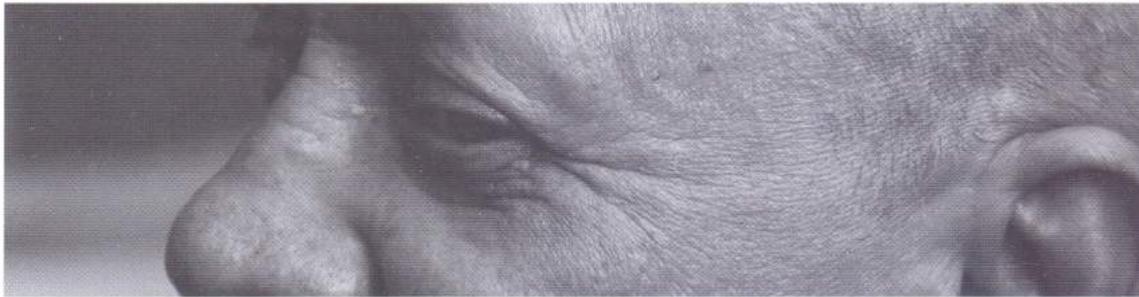
za). Então é melhor tu acabar com essas ideias de esquerda". Ficaram com ameaças psicológicas, a chamada tortura psicológica. Eu passei um ano no Recife, sem poder vir aqui. Para eu poder vir aqui, minha família teve de pegar um atestado na Polícia Federal para provar que não tinha mais nada contra mim e eu poder voltar para a universidade de novo. Um ano que eu perdi de faculdade.

Thaís – Aurísio, eu queria voltar só um pouco a sua vivência aqui na universidade. Como era a comunicação entre as pessoas ligadas à resistência, ao movimento estudantil? Porque havia uma perseguição muito forte, né? Como era que vocês faziam para se reunir e se comunicar?

Aurísio – Primeiramente era assim, de dia a gente quase não se reunia. Quantas vezes aqui gente não dormia aqui nesse bloco? Discutíamos política até de madrugada. A gente mandava buscar lanche. Alguém era encarregado de comprar os lanches. E a gente geralmente discutia os problemas que a gente tinha

muito engajado com a questão da ideologia. Eu estou vivo não sei por quê. Eu apanhei muito de polícia aqui dentro dessa Fortaleza. Agora para vocês terem uma ideia, no dia da morte do Guevara, nós ocupamos Fortaleza. Foram todos os estudantes, todas as classes. Todos os colégios particulares. Naquela época, não tinham os grandes colégios que têm hoje. Era o Liceu, Colégio Cearense, Castelo Branco e o pessoal da universidade, que não existia a Universidade Estadual do Ceará (*Uece*) ainda. Entendeu? E nós, segundo a polícia, que eram oito a dez mil alunos no centro de Fortaleza. E nós fomos cercados pelas três armas, só que nós quebramos o centro de Fortaleza todinho. E eu me lembro que passei um mês de cama do pau que eu levei da polícia, principalmente aqui (*pega nas costas*) na região da clavícula e das costas. Levei um corte na cabeça. Eu passei um mês acamado. Meus pais pensaram até que eu ia morrer. E eu não queria ir *pro* hospital com medo de eles dizerem o que eu tinha, o médico querer saber o que aconteceu

Em São Paulo, Aurísio foi demitido da indústria química Grace, onde trabalhou por quase 20 anos, pois denunciou a empresa no Sindicato dos Químicos por não estar sendo remunerado de acordo com o piso salarial referente à sua posição.



com o governo e tudo e com a própria questão interna da universidade. A gente discutia à noite, de dia a gente estudava. De madrugada também a gente destacava a turma que ia pichar muro. A gente tinha o trabalho de pichação também que era muito importante, tinha de ter dinheiro para comprar tinta. Por exemplo, grupo tal vai para bairro tal, geralmente era quem tinha carro. A classe média sempre tinha carro e tudo. A classe média veio para a universidade gratuita, né? A gente fazia pichação de carro, porque naquela época não tinha negócio de roubo, assalto não. A gente fazia serenata aqui com o violão embaixo do braço, não tinha roubo. E todo mundo dormindo e a gente pichava os muros. Procurava os melhores lugares visuais para a gente fazer isso.

Beatriz – Para se matricular, o aluno tinha de assinar o documento se dizendo anti-comunista. Você podia muito bem assinar o documento, blefar e continuar com essas reuniões aqui, mas você não fez, não assinou. Por quê?

Aurísio – Eu não fiz, mas muita gente fez isso.

Beatriz – (*interrompendo*)... Por que você não fez?

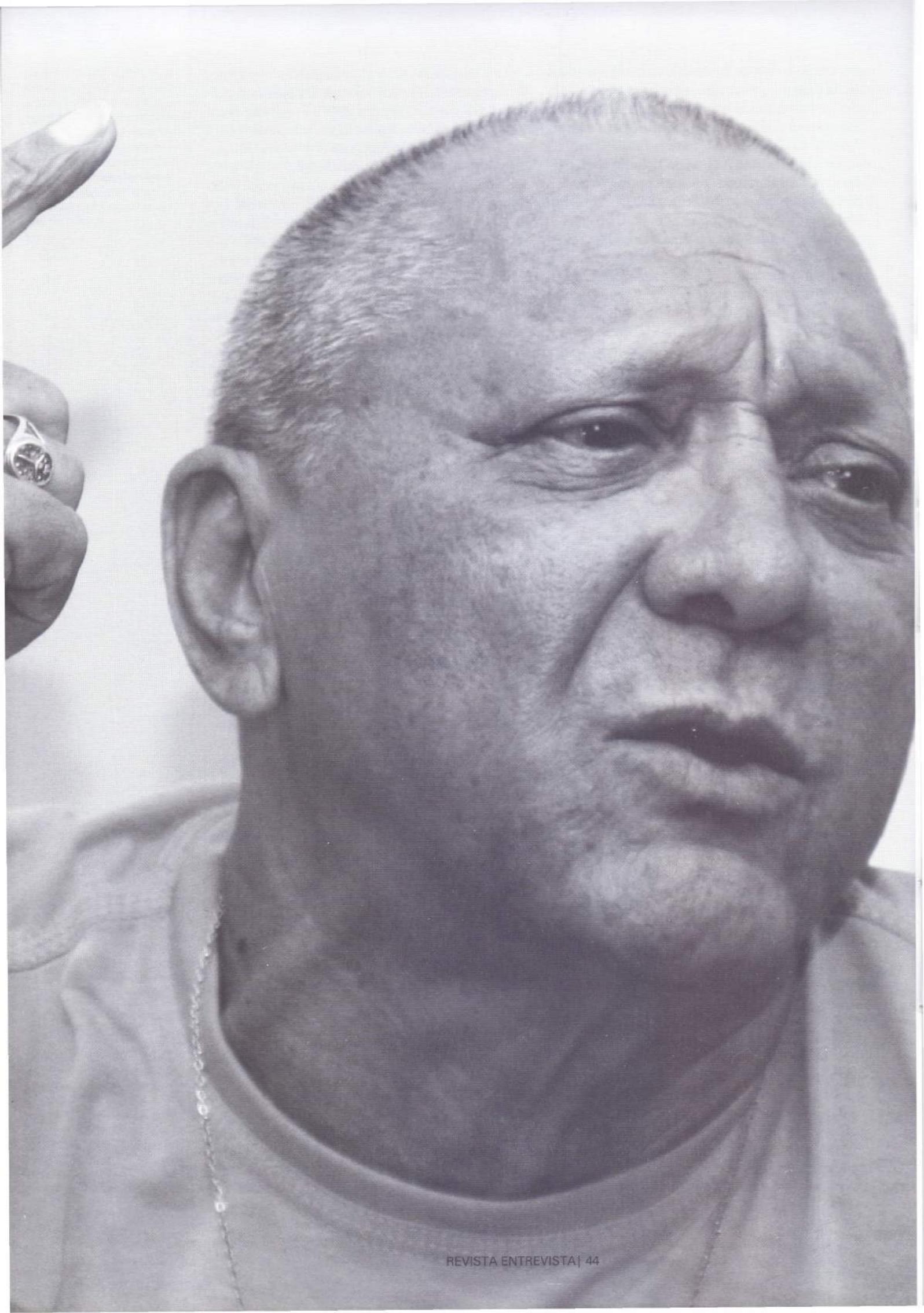
Aurísio – Eu não fiz porque eu era um cara

e eles me pegarem lá. Era isso que acontecia.

Ed – Aproveitando que você falou dos seus pais. O que eles achavam do seu engajamento no movimento estudantil? Quando eles viam que você sofria abuso dos policiais, o que eles achavam, sentiam e falavam para você?

Aurísio – Meus pais na realidade sofreram muito desde quando os meus irmãos vieram expulsos da Marinha, tanto é que hoje eles são oficiais da Marinha anistiados. Meus pais sofreram muito quando os meus irmãos vieram para cá, porque meu pai foi preso lá no Banabuiú. Inclusive meu pai ficou a noite todinha levando chuva para dizer onde estavam meus irmãos. E os meus irmãos passaram o rio a nado, que o pessoal foi avisado que o Exército estava lá. Um vereador lá de Quixadá (*município a 160 quilômetros de Fortaleza*) foi quem denunciou meus irmãos aqui em Fortaleza. E levou o Exército para lá. Os meus irmãos passaram o rio a nado, mas os soldados não sabiam nadar e não passaram. Mas meu pai vinha sofrendo muito. Meus pais já estavam calejados. Quando eu me transferi para São Paulo, que eu fui expulso aqui da universidade, meu pai veio pegar a minha transferência e foi preso aqui. Levaram meu pai para o Corpo de Bombeiros, preso. Ele passou um dia

No processo que Aurísio moveu contra a UFC, o jornalista Xyco Théophile, que estudou junto com Aurísio, foi testemunha. Xyco afirma que os amigos chamavam Aurísio de "guerrilheiro". O jornalista também participou da Revista Entrevista na 7ª edição.



“O estudante estava predestinado a derrubar a ditadura. Nós não tínhamos acordo com ela. O que a gente queria? A gente queria a renúncia dos militares (...)”

Pela complexidade histórica do período abordado na entrevista, Larissa e Marcella constantemente procuravam Aurísio nos corredores da UFC para tirar dúvidas com relação a datas e esclarecer fatos que ele relatava.

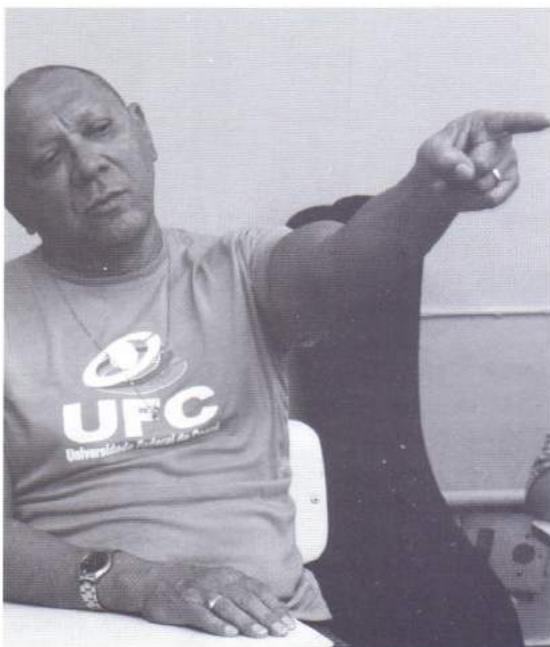
lá. Quando eles viram meu pai ele disse: “Eu vim soltar meu filho. Ele quer voltar a estudar, mas ele ainda vai dizer onde está, eu não sei”. Ficaram monitorando meu pai. É tanto que esse documento meu de transferência era de cá para São Paulo. Um cara que foi daqui conhecido da gente, durava 15 dias para chegar em São Paulo. E o cara foi daqui e levou meus documentos para lá.

Ed – Seus pais tentaram fazer você desistir de continuar nesse movimento?

Aurísio – A esquerda exige muito uma renúncia de vida. Quantos esquerdistas não tombaram? Você não vê um direitoista morrendo por nada não, só morre se um policial jogar uma bomba, jogar uma bomba lá e o cara morrer (*risos*). Mas direitoista não tem ideologia, a esquerda tem ideologia, só que a esquerda errou muito. Em cima da ideologia do conceito de justiça social, a esquerda fez muita coisa errada. Em alguns casos, mais do que a direita. Agora na minha visão, o cara só é esquerdistas se ele reconhecer isso. E eu reconheço isso. Eu sempre combati as coisas ruins de dentro da esquerda.

Marcello – Aurísio, quando você saiu da universidade e foi impedido de frequentar as aulas, você foi para São Paulo. Por que São Paulo?

Aurísio – Porque eu estava queimado, daqui para Recife todo mundo me conhecia, eu tinha medo de ser pego. Eu fui embora para São Paulo, eu fiquei na clandestinidade, perambulando de 73 em diante. Em 72 eu fui para lá e, quando cheguei lá em São Paulo, quando meu pai conseguiu minha transferência – Porque quando eu cheguei em São Paulo eu escrevi para o meu pai, porque eu tinha medo de vir aqui na universidade pegar. Meu pai veio pegar aqui a minha transferên-



Aliás, durante todo o período de produção da entrevista, Aurísio foi interpelado pela equipe de produção seja almoçando no RU (Restaurante Universitário), pelo celular ou encontrando com ele nos espaços de convivência dos estudantes, mais conhecidos como “ventinho” e “ventão”.

cia. O coordenador deu a minha transferência, mas, ao mesmo tempo em que ele deu a transferência, ele passou um telegrama para São Paulo dizendo que eu era subversivo, procurado, que eu era um elemento perigoso. A Universidade de São Paulo (*USP*) disse: “Olha você é federal, nós não podemos lhe admitir, mas nós podemos submeter você a um exame, a uma prova, vale tantos pontos, se você atingir isso aqui nós ainda vamos pensar em lhe matricular aqui”. Eu já estava no último semestre. Submeteram-me a uma prova lá, naquela época era a Revisão. Revisor de matéria. Você pegava um texto daquele e tinha de corrigir as coisas. Deram-me um texto de correção e umas coisas lá sobre diagramação. Eu tinha trabalhado no jornal aqui como repórter, aprendi a diagramar umas coisas, deu certo. Eu tirei 77 pontos.

Quando foi na hora de fazer a minha matrícula eles disseram: “Rapaz, tem duas coisas aqui, você tem de assinar o decreto 477, que ainda está em vigor, e tem um telegrama aqui dizendo que você é comunista. Que você é um terrorista”. Colocaram-me em uma situação muito complicada. Mas na hora vinha chegando o Vice-reitor para Assuntos Estudantis e ficou ouvindo a conversa. Eu disse: “Não rapaz, não vou assinar isso aqui não”. Eu era cabeludão, era totalmente diferente disso aqui. Mal vestido, maltrapilho, eu não tinha nada, só não andava de pé no chão. Apesar disso aí não fazer diferença, porque Jesus Cristo nasceu numa manjedoura e o Papa tá coberto de ouro. Então o que aconteceu? O vice-reitor me chamou: “Ei rapaz, venha cá, pois você recorra. Está tudo contra você, mas tem alguém dizendo que você tem direito de recorrer. Aqui dentro da universidade ainda não é lá fora não. Aqui quem mandamos ainda somos nós. Você tem direito de recorrer. Recorra. Vamos ali.” Ele me levou para o canto lá, me deu um papel e disse: “Assine aqui e preencha tudo isso aqui. Pegue seus dados, assine e deixe o resto comigo. Quando for daqui um mês venha buscar o documento comprovando que você recorreu, que eu vou mandar isso aqui para o departamento”. Ele disse o nome do departamento lá da USP. Foi isso aí que me salvou, porque, se eu não tivesse recorrido, eu tinha perdido o direito, tinha caducado, né? Ele disse: “De quatro em quatro anos, você tem de recorrer de novo”. Aqui mesmo eu recorri ainda duas vezes, em Fortaleza, para não perder. Eu vinha aqui e fazia o papel de requerimento e tudo. Eu tenho uma irmã advogada que fazia tudo, protocolo. Foi assim que eu me anistiei.

Murilo – Quando você foi para São Paulo, lá em São Paulo, a sua resistência contra a ditadura continuou?

Aurísio – Continuou, porque lá na USP era

que o negócio era pesado, muito mais do que em qualquer lugar do Brasil. A Universidade de São Paulo sempre foi muito politizada. Lá era um ambiente muito fechado, porque foi lá onde surgiu a guerrilha urbana. Pouca gente sabe disso. A guerrilha urbana surgiu dentro da USP. E lá do lado do São Francisco, da Faculdade de Direito. Que eram os grandes focos da turma lá, dos militares. Eles perseguiram o pessoal da Universidade de São Paulo. Porque o outro lado, que era a Mackenzie, só tinha o pessoal da direita da Mackenzie (*faculdade Mackenzie privada*). Ou você era da direita ou você era da esquerda. Então, era o pessoal da Faculdade de São Bento, o pessoal da USP e o pessoal da Mackenzie.

Alissa – Mas você deixou em algum momento de lutar, de participar ativamente da luta contra a ditadura?

Aurísio – Na realidade, quando aconteceu uma série de coisas, passei um ano e tanto na clandestinidade. Eu sei que de 72 em diante, quando eu fui para São Paulo, eu vim voltar a trabalhar já em 76. Eu passei todo esse tempo desocupado, porque eu estava muito perturbado mentalmente. Eu só não cheguei a enlouquecer, mas é uma coisa horrível você se olhar sem dinheiro, sem família, sem ninguém, jogado no meio do mundo, a esquerda discutindo ideias. A gente vendo o carnaval, as festas, e você lá enclausurado dentro de uma universidade sem poder fazer nada. E não havia uma tomada de posição. Você não tinha salário, não tinha nada, não tinha arma para lutar. Aquele negócio foi me enchendo. Quando eu vi que realmente não ia dar em nada, foi que eu resolvi escrever uma carta para a minha família e pedir meus documentos tudinho, porque eu não tinha documento não.

Alissa – O que você ficou fazendo lá durante esse período?

Aurísio – Fiquei fazendo subversão, pichando muro. Eu comia de graça lá na Universidade de São Paulo. A turma me dava os passes e eu comia lá. Eu dormia lá no alojamento da universidade e fiquei esse tempo todinho.

Camila – Enquanto estava em São Paulo, você se inscreveu no Festival da Tv Manchete com três músicas e chegou a ser preso antes mesmo de cantar.

Aurísio – Mas isso já foi depois, já foi no final do governo Figueiredo (*João Baptista de Oliveira Figueiredo, 1979 – 1985*). Foi quando eu passei a trabalhar...

Camila – Ah, você já trabalhava (*interrompendo*)...

Aurísio – Foi aí que eu resolvi me estruturar socialmente. Porque de 72 até 75, eu era um zé ninguém, eu era um cara clandestino. Está entendendo? Eu não trabalhava, não ganhava dinheiro. Então, quando o cara é assim, é

Eu estou vivo não sei por quê. Eu apanhei muito de polícia aqui dentro dessa Fortaleza (..) eu me lembro que passei um mês de cama do pau que eu levei da polícia. Eu passei um mês acamado.

um cara socialmente inútil. Quando eu vi que aquilo não ia dar em nada, eu resolvi procurar um emprego, procurar trabalhar. Daí quando foi em 85 já... Quantas décadas depois? Muito tempo depois, nove anos. Mas eu sempre continuei estudando música, estudei acordeón, estudei bateria, estudei teoria musical, nunca abandonei a música, porque a música é uma coisa que até hoje eu mexo com ela. Quando a Manchete começou em 85, ela só passava Rio/São Paulo. Um dia eu abri o canal e vi aquela imagem boa, começou a falar do negócio do festival. Cheguei na firma que eu trabalhava e contei para um amigo meu. Ele disse: "Rapaz, escreve as tuas músicas". Eu escrevi três músicas. "Meu Brasil, meu grande amor", "A verdadeira história de Antônio Conselheiro" e "Se arreventa", que é o melô do trabalhador. Que eu cantava lá nos shows, cheguei a cantar no 1º de maio, uma música que eu cantava *pro* pessoal. Eu escrevi as três músicas e recebi um telegrama da Manchete falando que o meu trabalho estava aprovado, mas precisava mandar para a censura. Aí que o negócio complicou. E eu mandei. Dez folhas de cada uma, datilografada, assinada e reconhecida firma. Era isso que a Polícia Federal exigia. Eu fui levar para a Polícia Federal. Eu estava de férias, no dia que eu voltei a trabalhar, uma semana depois, a menina da recepção me chamou: "Aurísio, tem dois senhores aqui querendo falar com você". Pensei que era um pessoal do Ceará, porque nunca ninguém foi atrás de mim lá no emprego, eu nunca tinha tido problema com ninguém. Quando cheguei, eles me prenderam lá: "Você está preso".

Camila – O que foi que você passou na Estação da Luz?

Aurísio – Teve um acontecimento grave desse episódio comigo lá, porque eles me le-

Aurísio casou com Teresinha e teve dois filhos: Gabrielli, 32, e Bruno Barreto, 22. Avó de Laysa e em breve de mais um neto. Atualmente, vive com a segunda mulher, Ana Cerly.

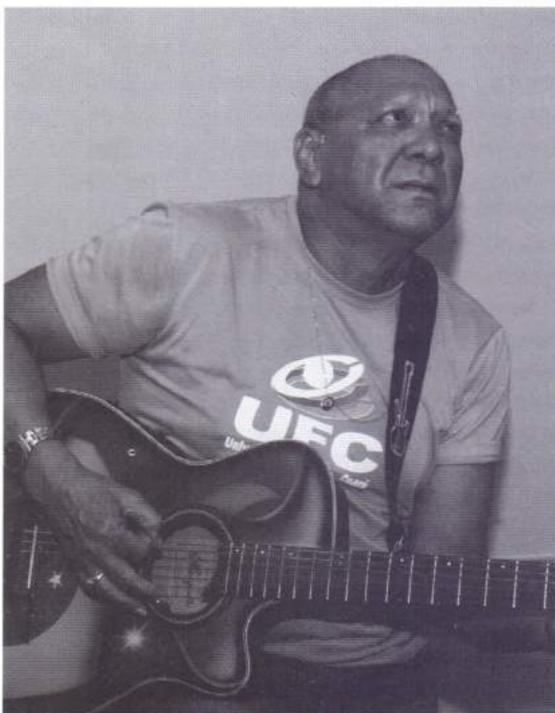
Aurísio é bem expressivo. Durante a entrevista, os gestos que ele fazia eram determinantes na compreensão das emoções que o músico transparia. As mãos rápidas ajudavam a contar os fatos pelos quais passou.

Com o número do processo de Aurísio em mãos, a produção foi até a Pró-Reitoria de Administração da UFC em busca de detalhes sobre o processo contra a Universidade. Lá informaram que não havia nenhum dado.

varam preso. Eu fiquei 14 horas preso lá na Estação da Luz. Lula (*ex-Presidente Luis Inácio Lula da Silva*) transformou até em um museu. Dilma (*Rousseff, atual Presidente*) foi presa lá também.

Thamires - É no Departamento de Ordem Política e Social (*Dops*)?

Aurísio - No Dops. Só tinha torturador ali. Quem fundou o Dops foi até o ex-delegado Fleury (*Sérgio Fernando Paranhos Fleury, 1933 – 1979*), era um cara quente que fundou o esquema do Dops. O que aconteceu? Eles foram me buscar na empresa eram sete e meia para oito horas. Quando deu nove horas eu cheguei em um predio lá esquisito. Não sei se a Presidente Dilma já estava presa lá, se eu não me engano ela já estava presa lá. Eles me deixaram 14 horas preso lá, sem comer, sem beber nada. Quando eles me prenderam eles disseram: “Você está preso porque você é subversivo, você escreveu essas músicas aqui criticando o governo. Quem você pensa que é?”. Começa aquela questão de tentar atingir você psicologicamente. “Quem é você para libertar o Brasil?” Que na música tem assim: “Trabalhador se arrebenta,/ trabalha, trabalha,/ luta, se esforça/ feito um fela da puta,/ para ninguém reconhecer”. Eles ficaram putos com isso daí. Com o refrão da música. Eu disse que era um compositor. E eles: “Mas você é um compositor de merda”. Foram me xingando, mas não chegaram a me bater não. Eles me jogaram lá, abriram o portão e me colocaram lá, escorado no portão e era assim (*mãos imprimando o rosto*), você não tinha como dobrar as pernas nem nada. Você ficava aqui assim em pé. Entendeu? Era um sacrifício. (*Aurísio se confunde com as datas, porque a Presidente*



Desde garoto, Aurísio tem uma “paixão” pela música. Ele compunha e tocava violão. Em 1967, começou a compor músicas com o amigo Wilson Gomes. O estudante afirma que música dele tem influência do forró de Luiz Gonzaga e da MPB.

Dilma, quando lutava contra a ditadura, ficou presa entre os anos 1970 – 1972

Nessa brincadeira eu fiquei 14 horas, e os meus outros colegas aqui, eles disseram para mim que já estavam há dois dias lá. Eles só comiam uma sopa. Eles chegavam e só davam uma sopa por um canudinho. Quando foi onze e meia, o cara que chegou para trocar o serviço com o outro disse assim: “Pega esses três caras, está aí o saco”. O helicóptero vem de madrugada pegar para jogar no Tietê. “Pega esse compositor de merda e bota junto também”. Muitos desse pessoal eram jogados pela polícia no Tietê e parte desse pessoal... É por isso que eu digo, isso tinha de ser investigado, porque eu tenho certeza que os crânios desses meus dois amigos estão lá. Porque eles foram encontrados boiando lá no Tietê. Quando foi mais ou menos onze e meia, lá no fundo, ele olhou para mim, estalou os dedos e queimou um envelope amarelo com as letras das músicas todas dentro. Mas a fita – naquela época, você dava a letra e uma fita cassete – ficou com ele. Ele disse: “Rapaz, eu vou ficar com a fita porque eu gostei da letra, eu sou cearense. Eu vou te salvar”. Eu disse: “Rapaz, e esses dois meninos aqui?”. Ele disse: “Esqueça! Eu estou salvando só você”. Por isso que os dois amigos meus amanhecera boiando no Tietê. Fico todo arrepiado. Eu vi no jornal, na Folha de São Paulo: “Dois corpos foram encontrados boiando no Tietê”. Entendeu? Quando boiava a imprensa ia, e os que afundavam?

Ed – Durante essas 14 horas que você ficou sem comer e sem beber, você se arrependeu de ter enviado as músicas?

Aurísio – Não. Que esquerdista sou eu? Que revolucionário sou eu? Eles usavam a tortura para conseguir muitas coisas da esquerda, e muitas vezes o cara morria, mas não confessava. Muitos companheiros da gente morreram. Muito cara morreu e não entregou. Mas muitos não aguentavam a primeira chibatada e já diziam tudo. Cabo Anselmo entregou 200 colegas da gente para morrer. Entendeu? O Jorge Paiva (*integrante do movimento cearense Crítica Radical*) foi um dos caras que o cabo Anselmo entregou para morrer, mas conseguiu fugir aqui para o Ceará. Mas estava na lista do cabo Anselmo para ser assassinado lá em São Paulo. Tanto que ele veio embora para o Ceará, nunca mais voltou para o Rio. Mora aqui até hoje.

Thamires – Quais torturas você viu e como isso o afeta hoje?

Aurísio – Eu não cheguei a ver, eu fazia só ouvir aqui no 23º BC, que eu servi o Exército aqui. Era de madrugada e eles levavam as pessoas para torturar em uns galpões do lado do que a gente estava tirando serviço. Eu estava

de serviço aqui, em frente ao Arsenal Militar. Onde era que os soldados iam tirar serviço? Ou em redor do quartel ou no Arsenal Militar, guardando as armas. Por exemplo, está guardado ali mosteiro, metralhadora, fuzil, aí tem de ter um soldado ali na porta. Porque esse galpão só tem uma porta. Fosse quem fosse só entrava ali quem eu autorizasse. Quando você está de serviço ali, você manda mais do que o comandante do quartel. A autoridade é sua ali. Eu estava de plantão ali e do lado os soldados iam torturar as pessoas ali. De muro, de pancada, eu ouvi muito essas coisas. Eu passei muitos anos doente psicologicamente. Eu me salvei porque eu sou músico, eu toco violão. Eu pensava besteira e pegava o violão. Tanto que eu nunca fiquei sem violão. Essa era a questão.

Alissa – Aurísio, o que você viveu em termos de tortura na ditadura? Isso afeta hoje ainda psicologicamente?

Aurísio – Psicologicamente não me afeta, me afeta como pessoa, como ser humano. Porque a gente vê tanta coisa bonita que o ser humano faz, né? Uma poesia, como uma música, como a educação, ensinar as pessoas. Você quer uma coisa, um legado mais bonito do que a renúncia de ser professor. Porque professor no Brasil era *pra* ser bem remunerado e não é, todo mundo sabe disso. E é o cara que ensina, que deveria ser mais respeitado e não é. Eu por exemplo tenho muita sensibilidade, eu só dei uma tapa no meu filho e outra tapa na minha filha, quando eram pequenos. Porque eu não tenho senso de violência. É tanto que eu nunca concordei com o terrorismo dentro da esquerda. Porque o terrorismo mata gente inocente, pessoas inocentes. Essa foi uma das grandes causas, uma das grandes questões que eu passei a ter inimigo também dentro da esquerda. Aqui mesmo no Ceará, tive vários inimigos. A turma queria partir *pra* bomba... *Pra* esquerda terrorista. Botar bomba nos cantos. E o nosso grupo nunca foi a favor disso. Porque o terrorismo você pode ver aí. *Tá* num país, o pessoal numa igreja, numa mesquita rezando... Explode uma bomba lá mata milhares, dez, 20, 30, 100 pessoas inocentes que não têm nada a ver com o negócio. Essa não é a ideologia. Isso é terrorismo. Isso eu sou a favor dos EUA. Mas não da maneira como eles combatem.

Marcella – Você disse que sofreu mais tortura psicológica do que física. Quais foram as torturas psicológicas que você podia...?

Aurísio – A tortura psicológica é o cara ameaçar minha família, ameaçar meus pais. De que meus pais iam amanhecer boiando com a boca cheia de formiga, minha irmã podia amanhecer boiando no Lagamar, entendeu? Aquelas coisas, tortura psicológica.

“(...) eu só não cheguei a enlouquecer, mas é uma coisa horrível você se olhar sem dinheiro, sem família, sem ninguém, jogado no meio do mundo”

Marcella – Houve outros tipos de ameaças depois?

Aurísio – Novos tipos de ameaça, por exemplo, muitas perseguições. Quando eu estava aqui na universidade que eu passei no Banco do Nordeste, que mandou prova *pra* duas vagas *pra* estagiários, eu fiquei em segundo lugar, eu fui um dos aprovados, quando eu cheguei lá, fiquei preso 8 horas dentro do Banco do Nordeste. Eles queriam que eu dissesse onde estava o Genoíno, onde estava o pessoal que já era clandestino. Eu dizia: “Eu não sei, rapaz”. O Banco do Nordeste era aqui, por trás do Cine São Luiz ali, naquele mesmo prédio do Cine São Luiz (*na praça do Ferreira, o coração central de Fortaleza*). Lá em cima era o Banco do Nordeste.

Alissa – Aurísio, você disse que a música o salvou, tirando esse viés de protesto, qual o papel que a música tem e teve na sua vida?

Aurísio – Olha, quando surgiu a Bossa Nova... Não sei se vocês já ouviram falar em um estilo de música chamado música de protesto. Por exemplo, o Gonzaguinha fazia música de protesto, muita música dele foi censurada. Chico Buarque era um escritor. Compositor censurado. É tanto que o Roberto Carlos nunca teve uma música censurada.

Alissa – Tirando esse viés de música de protesto, além disso?

Aurísio – Além disso... Porque a música é uma coisa que toca o sentimento da pessoa. Eu defendo até uma campanha... Se eu tivesse chance de ter chegado ao governo diria assim: “Troque seu revólver por um violão”. Eu acho que o governo deveria fazer: “Troque seu revólver por um pistom, por um sax” “Troque seu revólver por um teclado, por um clarinete”. Não era uma campanha legal? *Pra* que arma? Por que estão acontecendo essas tragédias nos Estados Unidos? Por que nos Estados Unidos todo mundo tem três, quatro armas em casa. *Pra* que isso, gente? O

Apaixonado por música, em 2003, Aurísio montou a banda de forró “Cajá com Mel” em Quixeramobim. A banda existiu por um ano e chegou a se apresentar no “Programa do Ratinho”.

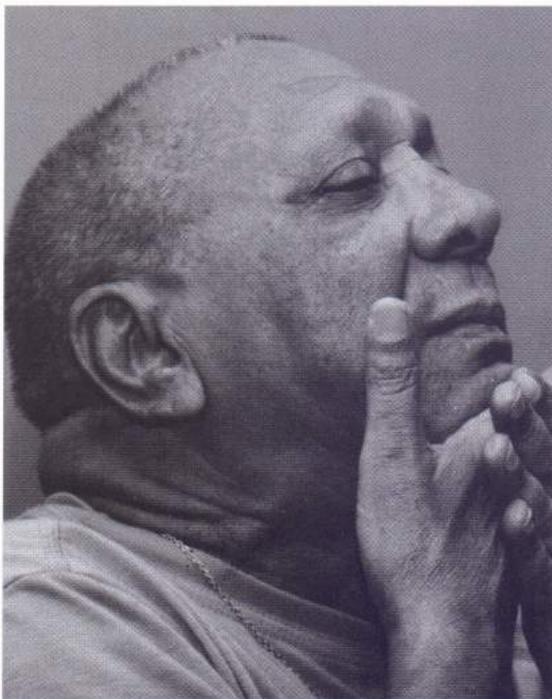
No Liceu do Ceará, colégio em que Aurísio estudou o colegial (atual Ensino Médio), já estudaram grandes personalidades cearenses, como o ex-governador Lúcio Alcântara, o ex-prefeito Juracy Magalhães e o empresário Edson Queiroz.

Aurísio foi preso e levado para o Departamento de Ordem e Política Social (Dops), antigo prédio localizado na região da Estação da Luz (SP), onde a atual presidenta da República, Dilma Rousseff, também fora presa e torturada.

Americano é um dos povos que fazem mais músicas. A música mais bonita do mundo é a música americana. A segunda é a brasileira e a terceira é a música cubana, entendeu? São os países que fazem a música mais bonita do mundo. Em Cuba, existem 20 ritmos diferentes de música. Todas essas músicas que tocam: lambada, salsa... Surgiu tudo lá... O bolero. Todo mundo sabe, surgiu tudo lá em Cuba. A música americana é uma coisa linda! *Pra* que arma? Arma vale nada? O que os Estados Unidos construíram para o mundo com arma, me digam?

Beatriz – Aurísio, durante a ditadura você participou da luta armada, achava inclusive que o debate com os militares era desnecessário. Como você vê esse seu posicionamento extremo hoje?

Aurísio – Primeiro, os militares, quando tomaram o poder, prometeram fazer eleições gerais. Começou com o Castello Branco, que disse: “Nós vamos daqui a um ano e meio”. O que é que aconteceu? Quando ele disse isso daí... Que ele (*Castello Branco*) *tava* próximo de terminar o governo dele. Ele foi derrubado. Castello Branco não renunciou. Castello Branco foi derrubado no Estado. Só que a imprensa não pôde divulgar isso, a imprensa... “Castello Branco foi afastado”, não disse que ele foi derrubado. Ali foi um golpe dentro de um golpe. Foi a linha dura das Forças Armadas que derrubaram o Castello Branco. *Tá* entendendo?! Nós queríamos eleições. Como não ia haver eleições, agora nós vamos *pra* luta. Ficou definido que todo mundo ia *pra* luta. Só que cada um pensava de um jeito. A turma pensou em ir *pro* Araguaia. Outros queriam ir *pra* Cuba, outros faziam a guerrilha urbana. Eu fazia parte dos pichamentos de rua. Havia os



Quando voltou para Fortaleza há 14 anos, Aurísio trabalhou como free lancer na criação de jingles. É aposentando há dois anos, recebendo um salário mínimo.

panfletos que eu lhe falei que a gente ia *pra* dentro dos ônibus denunciar os generais. *Tá* entendendo o negócio? Essa também, era uma forma de luta embora não fosse uma luta confrontal, mas era luta ideológica. Da esquerda contra a direita. Por isso, que eu lhe digo, naquela época não tinha centro. Era direita e esquerda. E o movimento militar brasileiro era de direita. Nem de centro e direita. Ele era de direita. Tanto é que o Castello Branco quis manear um pouco, mas caiu fora.

Beatriz – Você disse que não é violento, mas participou da luta armada. Você já chegou a apontar a arma *pra* alguém? *Pra* algum militar?

Aurísio – Não, não. Quando eu treinei guerrilha... Eu ensinei o Bergson Gurjão a atirar. A gente ia lá *pra* onde hoje é o Beach Park (*Parque Aquático na praia, em Aquiraz, pertinho de Fortaleza*). A gente treinava lá. A gente ia num Jeep “véi” que ele tinha. Acho que era do pai dele esse Jeep. Ia um bocado de pessoa que hoje eu não recordo o nome. Lembro que o Genoíno uma vez foi, e ele não quis nem pegar na arma. Ficou só de longe, de vigia. Ficou só de guarda olhando se vinha alguém. Quer dizer, o comandante da guerrilha não sabia dar um tiro de pistola, rapaz! Você vê que erro. Isso não tem nada de revolucionário. O Fidel morava na Sierra Maestra. Ele era um estrategista, militar. Apesar de ser formado em Direito, ele foi aprender a atirar tudo quanto é coisa. Lá na Sierra Maestra. E o Genoíno ia *pra* lá, ali (*Porto das Dunas*) *pra* gente ensinar a atirar. Era eu, o Edson Brasil... A gente sabia atirar bem. E ele não foi lá pegar numa arma, ele não sabia dar um tiro. Como é que um homem desse comanda uma guerrilha e não sabe dar um tiro? E outra coisa, uma coisa que nós combatíamos também, o desastre do Guevara aqui na Bolívia. Em 67, o Guevara – armado até os dentes – foi derrotado na Bolívia com 200 guerrilheiros do Guevara. Só na retaguarda, ele tinha 20 guerrilheiros. Antes de chegar no Guevara morreram 20. O Guevara morreu, *pra* vocês terem uma ideia, com seis metralhadoras na mão. Uma na mão e cinco do lado dele ali. Dentro da sacola tinha quatro e mais uma do lado, que é *pra* quando acabasse o armamento dele, ele pegar outro. Não tinha esse negócio de trocar de bala não. Ele jogava fora e pegava outra. Mesmo assim, ele foi assassinado. Sabe por quem? Pelos Boinas Verdes americanos. O Guevara não foi derrotado pelo exército boliviano. Ele foi derrotado pelos Boinas Verdes, o exército mais bem treinado do mundo, que é o exército americano, entendeu? E eles também estavam aqui dentro do Brasil. Eu mesmo vi aqui dentro do 23 BC vários americanos falando inglês aqui dentro do 23 BC... Comungando em inglês as

coisas que eles diziam que nós não sabíamos, porque nós não sabíamos inglês. Eu vi muito... Oficiais da Marinha americana aqui dentro do 23 BC dando ordens em inglês *pro* pessoal... Só *pra* cúpula que também sabia alguma coisa de inglês. Geralmente, esse pessoal sabe inglês, entendeu?

Camila – Aurísio, quando você foi morar em São Paulo de vez porque você tomou a decisão de se estabelecer em São Paulo mesmo?

Aurísio – Na realidade eu não sabia fazer nada. Só sabia tocar violão e não cheguei a me formar. Não podia exercer a profissão de jornalista porque eu cheguei *pra* ser repórter, mas em São Paulo tudo é muito difícil. Eu levei um currículo *pra* Folha de São Paulo, para o jornal O Estado, Folha da Tarde, Jornal da Tarde – que até faliu –, mas ninguém me deu nem resposta. Eu precisava sobreviver. Você num canto você tem de sobreviver, você tem de vestir, tem de comer, tem de morar. E em São Paulo não existe nada de graça *pra* ninguém não. Onde que eu fui? Fui no Sesi (*Serviço Social da Indústria*). Fui lá no sindicato. Cheguei lá bati na porta. Lá tinha uma moça. Conteí minha história *pra* ela: “Eu era nordestino cheguei aqui. Só que eu não tenho nem documento” “Rapaz como é que você vem *pra* cá sem documento”. Eu disse: “Pois eu vou mandar buscar os meus documentos” “Pois vá buscar seus documentos e traga *pra* cá que eu arranjo *pra* você fazer um curso aqui (*sindicato*). Que você come aqui mesmo no Sesi de graça e não paga nada. Arranjo até alojamento *pra* você aqui”. E foi isso que aconteceu. Fui buscar meus documentos. Minha família providenciou tudinho, meus documentos e tudo.

O meu primeiro emprego foi no Grupo Pão de Açúcar, mas na época chamava-se Grupo Eletro radiobraz, era o maior grupo de logística de São Paulo. Era até de um português... A família do Abílio Diniz comprou. Depois chamou de “Jumbão”. Hoje é o Grupo Pão de Açúcar. Eu trabalhei três anos e meio. E já entrei como encarregado de faturamento. Era um cargo importante já. Porque olha: Eu tinha quase curso superior. Quando eu mostrei o meu currículo... O chefe lá era do Ceará. Ele disse: “Eu tô precisando de um encarregado aqui. Você sabe dá ordem?” “Rapaz eu dou ordem até em você se precisar” (*risos de todos*). Até brinquei com ele assim. “Então você é o cara”. Eu fiquei como encarregado de faturamento. Trabalhei três anos e meio no Grupo Pão de Açúcar. Quando o grupo entrou em crise, disseram *pro* pessoal: “Olha os chefes vão passar um ano sem aumento. Aquele que não concordar quem não concordar, pode ir *pro* departamento pessoal, paga, indeniza e tudo”. Eu fui porque não concordei ficar um ano sem

aumento. Eu já estava fazendo um curso de Química à noite. Foi quando eu comecei a mandar currículo e essa empresa americana (*Indústria Química Grace*) me chamou... Fiz o teste. Deu tudo bem. E eu trabalhei 19 anos e nove meses nessa empresa (*Grace*). Entrei como auxiliar de produção e saí como gerente de produção.

Murilo – Nessa época, a ditadura já estava nos finalmente. Quando você começou a trabalhar nessa empresa?

Aurísio – Eu comecei em 76, ainda era essa ditadura ainda, *né*? Porque vocês pensam que depois do governo Figueiredo. Quando aconteceu o Festival da Manchete, ainda tinha tortura e tinha muita coisa. Até no governo Sarney ainda tinha tortura. A máquina da ditadura não se desmanchou da noite *pro* dia não. Apesar do Figueiredo ter decretado a anistia, que o pessoal voltou tudim... Muito nego caiu numa armadilha. Muito nego foi pego, entendeu?

Larissa – O Festival de Música da Manchete que você participou foi em 85?

Aurísio – Foi em 85. Foi quando a Manchete estava iniciando. Era até no governo do Brizola. Ele tinha sido eleito governador. Que até o pessoal dizia que foi o Brizola que financiou (*a TV Manchete*). (*Leonel de Moura Brizola, governador do Rio de Janeiro, entre 1983 e 1987 e 1991 e 1994. Faleceu em 2004*).

Marcella – Aurísio durante esse tempo você tinha movido um processo contra a UFC, quando você tinha sido expulso. E você nunca desistiu. Você sempre recorreu... Por que você nunca desistiu disso?

Aurísio – Porque eu também não fazia nenhum mal nem bem, *né*? Já que é um direito que eu tenho de recorrer. E eu tinha aquele sonho de voltar a estudar o Jornalismo porque eu sou fã do Jornalismo de carteirinha. O bonito é fazer o jornal. É complicado e bonito. Eu dava valor a essas coisas tudo. Então eu vou fazer a faculdade de Jornalismo, concluir a minha faculdade. E foi um sonho. Toquei *pra* frente, mas só seria possível se eu recorresse. Porque, se passar quatro anos e eu não for lá, caduca e eu perco e não posso mais.

Thamires – Você voltou a UFC depois de 37

“Até no governo Sarney ainda tinha tortura. A máquina da ditadura não se desmanchou da noite *pro* dia não”

Os entrevistadores, Thaís e Marcello, que integram a turma de Laboratório de Imprensa, apreciaram bastante a música de Aurísio, “Se Arrebenta”. A canção ainda hoje é cantorolada pelos estudantes.

Em 1970, Aurísio se filiou ao MR-8, uma organização política de ideologia socialista que se utilizou da luta armada para enfrentar a ditadura. O MR-8 surgiu em 64 no meio universitário, na cidade de Niterói, com a denominação “Dissidentes da Guanabara”.

Aurísio pediu para a produção para cantar algumas músicas ao final da entrevista. Um dia antes, ele avisou para a produção que levaria o violão caso não chovesse. Por sorte, o estudante chegou à sala de redação carregando o instrumento nas costas.

anos. O que mais o impactou?

Aurísio – (*interrompendo*) trinta e seis anos.

Thamires – O que mais impactou nessa volta?

Aurísio – O que mais me impactou nessa volta foi voltar a conhecer pessoas como: o professor Ronaldo Salgado, professor Godofredo, pro-fessor Riverson, professor Agostinho Gósson, o Gilmar de Carvalho, meu colega de faculdade também. E o ambiente universitário. O ambiente da universidade é saudável sabe. O ambiente universitário é muito bom.

Marcello – Você começou a faculdade do início, em 2009. O que é que você sentiu quando você pisou no primeiro dia de aula?

Aurísio – Eu me senti um cara de sorte, tá entendendo? Muitos amigos meus... Tem uma amiga nossa aqui a Tânia. Essa minha música chamada "Meu Brasil meu grande amor", o arranjo: "Norte da vida sofrida, do sol, da lua querida". Uma melodia linda! Essa menina morreu mexendo com uma granada. Ela era mais revolucionária do que eu, a Tânia. Era uma menina que tinha um núcleo de esquerda. Era uma menina que organizava um núcleo... E ela morreu mexendo numa granada. Muita gente morreu... Muita gente sumiu. Tinha um colega meu, o PT (*Petestrato Neto*), da música que sumiu também eu fiquei... A gente chegou uma vez na televisão e até hoje ninguém sabe do cara. Aí inventaram. Disse-ram que *tava* em Paris. Nunca ninguém soube onde esse rapaz estava. Um dos maiores músicos aqui do Ceará, que eu considero. Antes do Fagner e do Belchior. Que quem primeiro começou televisão aqui fui eu, Wilson (*Wilson Gomes*) e o PT. Depois foi que surgiu o Fagner, o Belchior, o Ednardo, aquele pessoal surgiu depois de nós, entendeu? E esse menino o PT, o Petestrato, o nome dele é PT, mas é Petestrato Neto, um baita de um artista. E sumiu, um cara que cantou uma música na televisão criticando o governo...Era assim: um sábado era com ele e outro sábado era com nós, comigo e o Wilson. O Cláudio Pereira, finado Cláudio Pereira, me viu tocando num barzinho aqui em Fortaleza, falou que era coordenador do programa do Paulo Limaverde: "Vou levar vocês *pra lá*". Ai levou a gente *pra lá*. O Cláudio Pereira foi testemunha na minha anistia. Saudoso Cláudio Pereira. Morreu há um ano atrás. Foi secretário de Cultura em Fortaleza. Um cara importante. (*Aurísio não chegou a conhecer Tânia, porém todos do curso de Jornalismo comentavam a respeito da história dela*).

Larissa – Aurísio, você vivenciou a universidade em dois momentos distintos, durante a ditadura e agora com a democracia, quais são os novos desafios *pra* você?

Aurísio – De ver a universidade valorizan-do acima de tudo, mais do que ela já está va-

lorizando – do governo Lula *pra cá* –, o professor... *Pra* mim só existe ensino bom se o professor for bem valorizado. Tem de investir primeiro no professor. Dar todas as condições para que o professor possa amar o seu campo de trabalho. Mas, *pra* mim, o sentido é esse...O governo deve investir muito mais. A gente tem de chegar àqueles 12% do PIB para educação. Isso é uma batalha, que eu defendo. A universidade só vai se completar quando ela der valor geral ao professor. Que professor não faça greve, entendeu? Valorizar seus funcionários.

Thais – Aurísio, voltando a fazer mais um contraste entre a sua vivência aqui na universidade nos tempos da ditadura e o seu retorno. Como é que você percebe a diferença das gerações? Você foi um jovem aqui dentro nos anos 60, começo dos anos 70 e agora nos anos 2000. Como é que você percebe essas duas gerações em relação à consciência política, aos acontecimentos?

Aurísio – Muito interessante essa sua pergunta. Existe um escritor literário chamado... Esqueci o nome dele, se eu lembrar do nome dele eu digo no final. A gente era proibido de ler esse livro dele. Ele era considerado um direitista, mas era um cara...O cara que criou a globalização, como é o nome dele? Aquele escritor da globalização...

Camila – (*interrompendo*)... McLuhan!

Aurísio – McLuhan (*Herbet Marshall McLuhan, canadense, 1911-1980*). O McLuhan a gente não podia ler naquela época. Se um cara fosse visto com um livro do McLuhan era considerado um cara de direita. Porque ele era considerado um escritor conservador. Mas o que ele disse naquele tempo está acontecendo agora. A diferença de hoje para aquele tempo é que o estudante não é mais politizado, mas ele é mais bem informado por causa da tecnologia, os meios de informações. A questão do computador, a questão da internet, a questão do celular, tá entendendo? Essa é a diferença porque o mundo se modernizou. Agora o que não se modernizou, não foi a consciência política não, entendeu? O que se modernizou foi a tecnologia, foram as maquinarias. Eu, por exemplo, não vivo sem esse celular mais não. Eu saio de casa sem esse celular. Eu volto *pra* ir buscar. Essa é que e a realidade de hoje.

Camila – Aurísio, você falou dos seus companheiros que morreram, que sofreram tortura, mas eu quero saber quanto aos que mudaram de lado com a redemocratização. Você tem alguma mágoa em relação a eles?

Aurísio – Não, porque a consciência humana é um livre arbítrio. Ninguém é dono da verdade. Por exemplo, eu nunca aceitei a perseguição ideológica. Dentro da esquerda também tinha isso de se marcar um cara, sabe?

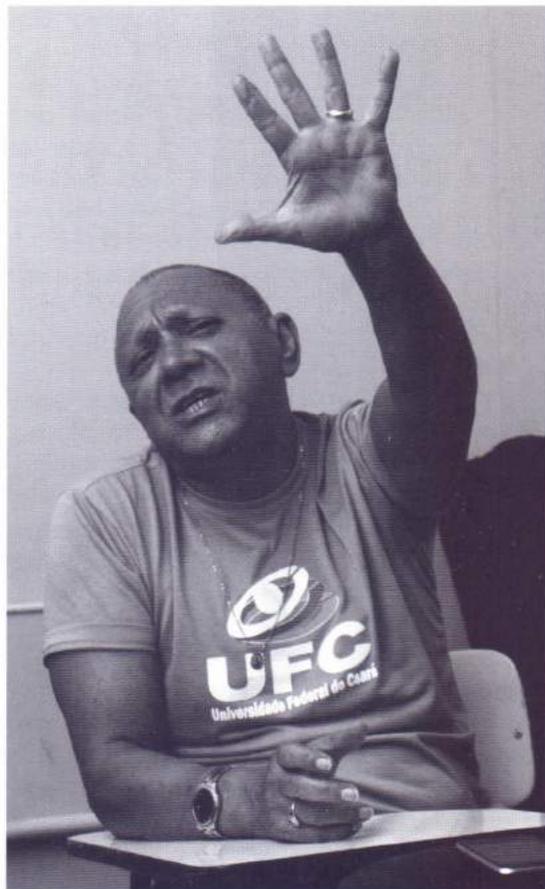
Depois de terminada a entrevista, Aurísio cantou músicas que tocava na noite de São Paulo, nos tempos em que era cover do Fagner. Ele cantou canções como "Borbulhas de amor", além de composições próprias do período em que foi militante da esquerda.

Perseguir com a chamada...Tutelar a pessoa ideologicamente também. Eu me tornei revolucionário porque eu fui ler. Eu fui tomar conhecimento e eu acho que a justiça nasceu... O mundo nasceu para ser justo. Ele não nasceu para ser injusto não. Que o homem não nasceu explorando. Ele nasceu bebê ali, bonzinho. Rousseau (*Jean-Jacques Rousseau, filósofo iluminista, 1712-1778*) já dizia isso. O homem nasce bom e justo, a sociedade é que o transforma em um bandido. Tá no livro de Rousseau, *A origem da propriedade (Em verdade, o título original é: Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, escrito em 1754 e publicado em 1755)*. Então eu não tenho direito jamais de ter mágoa de nada. O que a gente tem de dizer é a verdade. Agora eu não vou é dizer que militar era bonzinho, em 64, porque ele não era. Eles torturaram barbaramente e, quando eles não torturavam mandavam alguém fazer. Era o caso do Fleury, entendeu? Mandava fazer. E os que eles torturavam inocentemente? Acusado sem direito. Hoje em dia todo bandido tem um advogado. Naquele tempo ninguém podia ter um advogado não. Não podíamos ter um advogado não. Minha família não pôde constituir um advogado *pra* mim. Eu fui expulso aqui e não tive direito a um advogado. Hoje em dia um bandido mata outro: "Só falo com meu advogado". Nós não tínhamos direito de defesa não. Esse é que era um problema grave, que foi a ditadura que estabeleceu isso. Não existia esse negócio de você ser preso e ir lá o advogado tirar você não. A gente fazia era sumir.

Larissa – Hoje você se considera um dos poucos militantes da época da ditadura que luta contra o capitalismo?

Aurísio – Não, hoje não existe mais... A esquerda não existe mais. Eu me considero um velho simpatizante da esquerda porque o movimento da esquerda. Hoje virou zé ninguém. O que vale hoje é a tecnologia. Então, a esquerda fracassou, entendeu? Por exemplo, com todo respeito que a gente tem com Cuba, mas Cuba hoje não representa mais nada para o mundo do ponto de vista ideológico, de mudar a sociedade. Ninguém mais vai seguir o exemplo de Cuba. Eu, por exemplo, vou chorar quando Fidel morrer...Vou chorar. Mas não resolve o problema. O que resolve o problema hoje no mundo é o capital desde que ele seja bem aplicado. Vocês que-rem um exemplo maior do que o Brasil. Eu não votei no Lula gente, mas o Brasil virou um país do Lula *pra* cá. Antes do Lula o Brasil não era um país.

Marcello – Aurísio, o Brasil vive um período de articulação da Comissão da Verdade. Na sua opinião, por que diferentemente de países como a Argentina e Chile, o Brasil não



conseguiu avançar tentando revisitar esse passado de ditadura?

Aurísio – Essa é uma pergunta muito importante porque eu também tô dentro desse negócio da Comissão da Verdade. O meu processo tá lá em Brasília até agora. Não foi analisado sabe por quê? Porque eu tenho testemunha, mas não tenho prova cabal. Por quê? Lá em São Paulo se o cara (*policia do DOPS*) tivesse me devolvido o envelope *pra* mim...Ele queimou o envelope. E eu lá queria saber de envelope, rapaz! Eu queria saber era de salvar a minha vida. Aqui (*UFC*), quando eu vim *pra* aqui na coordenação que tinha a circular lá dizendo que eu não podia mais assistir aula... Ninguém tem a cópia aqui. Não tinha computador na época. O caba quando foi saindo aqui da coordenação rasgou e jogou fora. Que não era doido, não era otário. Chamada "a queima de arquivo". Quando ele foi saindo, limpou as gavetas. Jogou tudo fora. A cópia da circular, a cópia do telegrama que mandaram lá *pra* São Paulo não tá em lugar nenhum. Eu vou fazer o quê? Eu cheguei para os caras: "Rapaz, é o seguinte, eu não sou doido não. Eu não vou inventar não. Eu tenho meus testemunhos, estão aqui". Levei as quatro testemunhas que eles pediram e relatei de punho. Tudo o que estou dizendo *pra* vocês aqui (*da comissão*), eu disse em seis laudas *pra* Universidade Federal do Ceará. Relatei tudo o que aconteceu comigo.

Murilo – Quem são essas testemunhas?

Aurísio – Cláudio Pereira – já faleceu –,

Durante o levantamento de informações, a produção procurou falar com os irmãos de Aurísio, João Ataíde Gomes e João Ataliba Gomes. Porém, o estudante não conseguiu entrar em contato com eles, pois não mantém mais relações tão próximas.

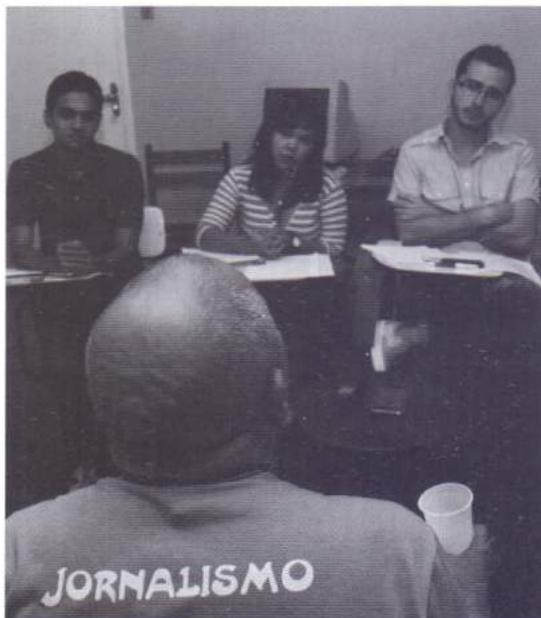
A produção marcou a entrevista com Rosa da Fonseca para o dia 24 de dezembro, visto que era o melhor dia para a militante. Na manhã do dia 24, Larissa ligou para Rosa, mas ela disse que seria melhor remarcar para o dia 26, visto que não percebera que era véspera de Natal.

Aurísio pediu para a produção para cantar algumas músicas ao final da entrevista. Um dia antes, ele avisou para a produção que levaria o violão caso não chovesse. Por sorte, o estudante chegou à sala de redação carregando o instrumento nas costas.

professor Gilmar de Carvalho, professor Godofredo- já estão aposentados os dois- e a Quintela. A Maria Quintela e o Xyco Theóphilo. São cinco testemunhas. Pessoal que militou comigo, estudou comigo e sabe do que aconteceu. Por isso, meu caso...Está na Comissão da Verdade. O Xyco Theóphilo fala que a minha música foi censurada no festival aqui. Essa minha música "Meu Brasil, meu grande amor", que eu escrevi a letra aqui: "Norte da vida sofrida/ do sol da lua querida/ de forró, de farinhada/ e de vaqueiro e vaquejada/ E por falar em vaquejad/ eu sou vaqueiro na vida/ Eu sou vaqueiro na vida/ Mas, meu Brasil, meu amor/ Para mim terá valor/ até que a vida se finda. Será que acaba a maldade/ por justiça e liberdade/ Que que é isso companheiro/ Quem vai, quem chega primeiro/ *pra* libertar meu amor/ Meu Brasil meu grande amor". Por causa da letra, eles acharam ruim por causa disso, porque eu escrevi essa letra aí. E a melodia é da Tânia, essa menina que morreu com a granada na mão. Essa menina que fez a melodia dessa música.

Murilo – Aurísio, com relação à Comissão da Verdade, a gente sabe que ela não tem um caráter punitivo. Você deposita nessa comissão a esperança de que o País realmente resolva essa dívida histórica que ele tem com as vítimas do regime?

Aurísio – Murilo, a minha mãe fala assim: "Nunca cutucar onça com vara curta". Olha, vocês não sabem da história. Eu fui militar sei como que é. Os oficiais das Forças Armadas Brasileiras são extremamente reacionários. Quem está lá dentro das Forças Armadas é doutrinado para ser conservador. Quando você chega na China, você tem o Exército Popular da China, Exército Popular do Vietnã, Exército Popular de Cuba, Exército Popular Francês já. A França tem Exército Popular.



Depois de terminada a entrevista, Aurísio cantou músicas que tocava na noite de São Paulo, nos tempos em que era cover do Fagner. Ele cantou canções como "Borbulhas de amor", além de composições próprias do período em que foi militante da esquerda.

Portugal tem um Exército Popular, mas o Brasil não tem. O oficialato brasileiro é conservador. Então os governos inteligentes não adianta mexer com esse pessoal não. Porque se você for mexer com o Comando Militar Brasileiro, se eles quiserem dão um golpe de Estado de novo. Dão e não tem quem faça nada não, porque o americano está lá do lado deles, entendeu? Se for dado um golpe aqui, não pense você que o americano vai ficar contra o Brasil que não vai não, porque os interesses do americano aqui...Oitenta por cento das indústrias aqui são deles. São deles as indústrias... A maioria são dos americanos. O capital americano aqui dentro é muito grande, gente. Metade do PIB brasileiro aqui é de capital americano. Então, é uma questão de jogo de interesses.

Murilo – Você participou dessa oposição contra a ditadura. De que forma acha que a comissão pode beneficiar você?

Aurísio – Eu nem penso em beneficiar a minha pessoa porque eu acho que não é por aí... *Pra* você ter uma ideia eu nem entrei com processo de indenização. Quem entrou foi o pessoal da anistia. Eu nem sabia. Quando foi recebi uma carta lá em casa: "Rapaz teu nome tá lá em Brasília também, já tem o número do processo e tal e tudo"... Se me pagarem... Se o Genoíno recebeu 120 mil reais, por que eu não posso receber também, entendeu?

Thamires – E Aurísio, como é que você se sente ao ver algumas pessoas ainda hoje tentando varrer essas histórias *pra* debaixo do tapete, esconder? Como é que você se sente?

Aurísio – Na realidade o que acontece hoje é o seguinte: o Brasil é cobrado na América Latina. Olha na Argentina, no Chile, no Uruguai e no Paraguai e na Bolívia, os generais que torturaram já estão tudo na cadeia. O Brasil é o único país que não tem...Estão tentando prender aquele bicho lá do Araguaia, aquele tal do Curió (*Sebastião Rodrigues de Moura, mais conhecido como major Curió. Hoje é coronel aposentado da reserva*)...Só de guerrilheiro, ele cortou a cabeça de 40 e ele ainda disse que era pouco. Disse numa entrevista. O Brasil é o único país em que não tem ninguém preso porque a anistia que eles fizeram foi... Ela foi geral...Vocês estão pensando que estou perseguindo o FHC, mas não é não. É porque ele fez muita coisa ruim... Ampla geral e irrestrita. Foi no governo dele que fizeram o resto *pra* salvar os milicos. Você não tem como fazer... Só fazer uma nova Constituição. Você não tem como punir os militares brasileiros. Por isso, que a Dilma disse: "Eu vou rasgar a Constituição? Tá aqui na Constituição". A Constituição de 88 fizeram ali... A anistia ampla, geral e irrestrita. O FHC arrumou o outro negócio lá e incluiu os militares também. Então quer

dizer que todo mundo foi anistiado. Não foi só a esquerda não. Foi todo mundo de direita... Foi todo mundo. Quer dizer o Brasil inteiro foi anistiado... Só se mudar a lei. A Comissão de Direitos Humanos da América Latina cobra do Brasil a prisão e punição dessas pessoas... Estão criando uma exclusividade no caso do Vladimir Herzog, o jornalista Vladimir Herzog, que por sinal a família dele recebeu mais de 2 milhões de indenização. A maior indenização foi *pra* família do Vladimir Herzog. O que a família quer saber é se ele se suicidou ou se ele foi assassinado... Se foi controlado pelas coisas que eles estão encobrindo e tudo. Ele foi assassinado rapaz dentro de um quartel! (*Herzog foi jornalista, professor e dramaturgo, nascido na Croácia, à época ainda reino da Iugoslávia, em 1937, naturalizado brasileiro. Foi encontrado morto no DOI-CODI, em São Paulo, em 25 de outubro de 1975*).

Alissa – Aurísio, você acha que é possível reparar essa dívida? O que é que precisa ser feito? O que é que pode ser feito?

Aurísio – Só pode dizer isso quem conviveu com a ditadura militar. Uma ditadura seja ela de esquerda ou de direita é muito dura. Por que os EUA são esse país que são? Porque eles nunca tiveram uma ditadura. Olhe, nos EUA todo jornalista fala mal do presidente da república. Você acha que dois jornalistas têm poder *pra* derrubar o Presidente da República? Derrubar o Fidel? Têm poder *pra* derrubar o imperador lá do Vietnã. Da Coréia? Não têm. Quem derrubou o Nixon (*Richard Nixon, ex-presidente dos EUA*) foram dois jornalistas que provaram que o Nixon subornou a eleição. Foi provado. Quer dizer esse é o lado bom da coisa, *tá* entendendo? Não somos contra o americano. Somos contra as coisas ruins. São muitas que o americano faz. Como, por exemplo, explorar o ser humano através de baixo salário, de não reconhecer os direitos trabalhistas, de uma série de coisas.

Alissa – Mas o que pode ser feito *pra* reparar essa dívida que o Brasil tem com as pessoas que lutaram contra ditadura?

Aurísio – A meu ver só se houvesse um golpe de estado de esquerda que não vai haver, *tá* entendendo? E nem é o ideal. Porque eu acho que a esquerda do jeito como estava também não estava preparada. Talvez o Brasil tivesse afundado num mar de lama. Porque, se era *pra* implantar aqui no Brasil o que estava lá em Moscou, era melhor deixar como estava. Porque lá eles só fizeram errado. Eu nunca concordei com as coisas erradas que eles fizeram. Porque eu só defendo *pro* ser humano – dentro do meu conceito de ideologia –, eu só defendo *pro* ser humano o que é digno. O que é bonito, o que é bom, o que é transparente para o ser humano. E o ser hu-

“Porque é o ser humano que gera tudo o que é bom que existe na terra. Tanto é que gera o que é ruim também”

mano tem de ser valorizado desde o pé até o cabelo da cabeça. Tem de ser tudo valorizado no ser humano. Porque é o ser humano que gera tudo o que é bom e existe na terra. Tanto é que gera o que é ruim também.

Larissa – Olhando *pra* trás, por tudo o que você passou, vendo essa democracia que se instalou no Brasil, você se arrepende de ter lutado contra a ditadura?

Aurísio – Não, porque... Se a Presidente da república é uma ex-terrorista. *Tá* aí comandando o País e comandando muito bem... São as mulheres que estão comandando o País agora. Esses dias jogaram foi uma comandante da Marinha. Uma mulher comandante da Marinha. Você já pensou que isso iria acontecer na época da ditadura militar, dos milicos? Mas nem morto isso aí iria acontecer... Aconteceu porque nós temos uma Presidente da República que a nomeou por capacidade, por mérito... Por sinal é uma médica, uma cientista. Ela hoje é comandante da Marinha no Rio de Janeiro. Isso era impossível acontecer na época dos milicos, entendeu? Porque mulher *pra* eles era objeto de uso.

Larissa – Aurísio, com relação ao curso, quando você se formar, o que pretende fazer?

Aurísio – É o seguinte: eu já sou aposentado e eu vivo praticamente só. Meus filhos estão bem criados e eu só preciso de dinheiro *pra* viver. Um salário mínimo *pra* mim *tá* bom demais. Se eu receber esse negócio lá vou comprar um cantinho *pra* mim aqui (*Fortaleza*). Agora eu pretendo continuar fazendo minha música. Eu estou até montando um show agora... Eu fui cover do Fagner muitos anos em São Paulo (*ainda sem data*).

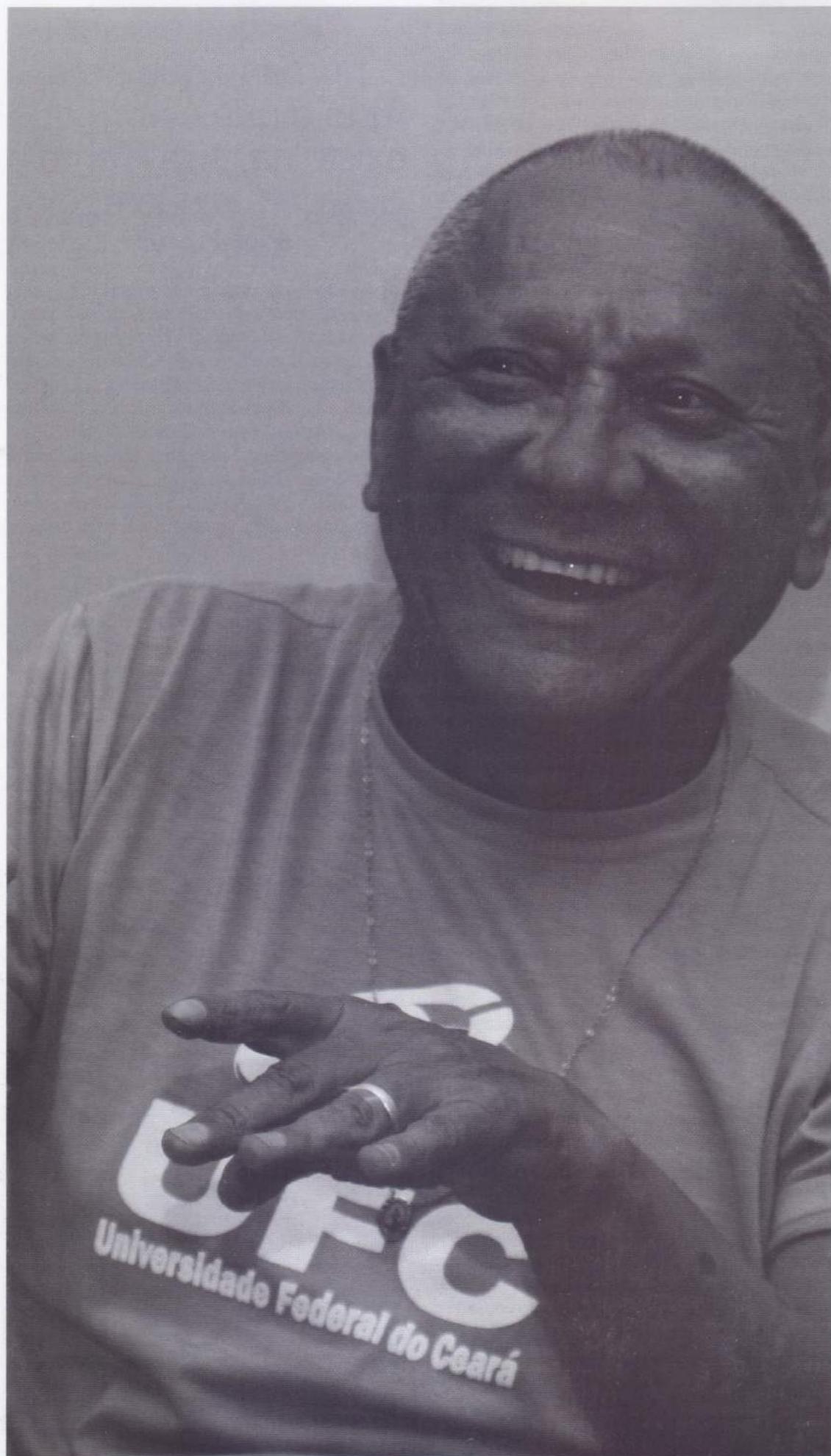
Larissa – Mas com relação a trabalhar mesmo com o Jornalismo?

Aurísio – Com Jornalismo, talvez eu acredito que não. Eu vou tirar o meu diploma mais como uma satisfação pessoal, entendeu? Já estou com 67 anos... Eu vou fazer agora. Eu acho mesmo que quem vai trabalhar mesmo nos jornais são vocês – a juventude –, a garotada, *né?*

Na entrevista, Aurísio mostrou-se indignado com o esquecimento que o País aparenta com relação ao que aconteceu durante o período da ditadura militar. Principalmente, no que diz respeito aos torturadores e às vítimas.

Por admirar Rosa da Fonseca, uma das líderes do movimento estudantil no Ceará, Aurísio pretende fazer o Trabalho de Conclusão de Curso dele (TCC), que é um livro-reportagem, sobre ela. O estudante sempre toca em eventos do Crítica Radical.

Na entrevista com Rosa da Fonseca, a produção teve de se dirigir à sede do movimento Crítica Radical, na praça da Gentilândia, no Benfica. Larissa foi para o encontro bastante apreensiva, pois nas proximidades do local não havia quase ninguém.



Devido à necessidade de conhecer algumas leis que precisaram ser estudadas, como a Lei da Anistia e o decreto 477, Marcella chegou a comentar que se sentia como uma estudante de Direito.